



INFORMATIVO VIRTUAL

Boletim

REPAM-Brasil

ESPECIAL COP30





Em Belém, a visita aos barcos Papa Francisco e São João XXIII evidenciou o compromisso da Igreja com o cuidado integral e a presença junto aos povos da Amazônia

REPAM-BRASIL E LIDERANÇAS AMAZÔNICAS VISITAM BARCOS-HOSPITAIS NA ACOLHIDA DA COP30

Na tarde deste sábado (9), a REPAM-Brasil e lideranças de comunidades amazônicas visitaram os barcos-hospitais Papa Francisco e São João XXIII, ancorados em Belém (PA). A atividade fez parte da acolhida das delegações que participam das mobilizações populares e eclesiais que antecedem a 30ª Conferência das Partes da Convenção da ONU sobre Mudanças Climáticas (COP30).

Durante a visita, o frei Ezequiel Salvático, da Fraternidade São Francisco na Providência de Deus, destacou o significado dos barcos como expressão concreta da presença da Igreja nas margens e do cuidado com a vida. “Esses barcos são um sinal de esperança. Representam a alegria, a saúde e, acima de tudo, o amor de Deus que chega até cada pessoa ribeirinha, quilombola e indígena”, afirmou o religioso. “O nosso carisma é servir com empatia, levando o Evangelho através do cuidado, com consciência e qualidade, um apelo a sermos uma Igreja em saída, sinal de fé e gratidão”, completou o Frei, destacando a missão do instituto religioso.

Os barcos-hospitais realizam atendimentos médicos e cirúrgicos gratuitos, alcançando comunidades que vivem em áreas isoladas da Amazônia. Segundo Frei Ezequiel, a atual expedição tem atendido uma média de 300 a 400 pessoas por dia, com especial destaque para as áreas de oftalmologia, odontologia e clínica médica. “Entre pequenas e



grandes cirurgias, conseguimos operar cerca de 35 a 40 pessoas por dia. Cada gesto de cuidado é também um gesto de evangelização”, completou.

A estrutura das embarcações é mantida por meio de parcerias com o Sistema Único de Saúde (SUS), congregações religiosas e uma ampla rede de voluntários e voluntárias. Atualmente, mais de 8 mil profissionais da saúde estão cadastrados para atuar nas missões, muitos deles oriundos de hospitais parceiros, bem como médicos e profissionais de saúde que se voluntariam para as expedições. Frei Ezequiel recorda que essa rede cresce por meio da solidariedade: “Cada médico que vem traz outros, e assim a missão se multiplica”.

Além do atendimento médico, o trabalho das equipes inclui ações educativas, acompanhamento social e espiritual

e distribuição de medicamentos. O barco Papa Francisco, inaugurado em 2019, foi o primeiro da frota. Em 2020, foi a vez do barco João Paulo II chegar para a missão. E em 2024, foi lançado o barco São João XXIII, ampliando a capacidade de atendimento e a presença missionária nas comunidades.

Para a irmã Maria Irene Lopes, secretária executiva da REPAM-Brasil, a visita representa um gesto simbólico e profético neste tempo de preparação para a COP30. “Estar aqui é reconhecer que o cuidado com a vida humana e o cuidado com a Casa Comum caminham juntos. Esses barcos são o rosto da Amazônia que resiste, cura e anuncia a esperança. A Igreja que aqui se faz presente é a mesma que clama por justiça climática e por políticas que garantam dignidade aos povos e territórios”, afirmou a religiosa.





Feira do Bem-Viver e celebração de abertura marcaram o início das atividades da REPAM-Brasil na COP30

CIRCUITO PAN-AMAZÔNICO CELEBRA SABERES E SABORES DA AMAZÔNIA

O domingo (9/11) foi de partilha, espiritualidade e trocas de conhecimento na sede da CNBB Norte 2, em Belém (PA), durante o Circuito Pan-Amazônico de Saberes e Sabores da Amazônia, promovido pela REPAM-Brasil. As atividades reuniram representantes de comunidades tradicionais, movimentos sociais, instituições parceiras e organizações da Igreja para um dia de integração em torno da Casa Comum, da economia solidária e do cuidado com os territórios.

A programação começou com a celebração de acolhida e abertura. O momento, guiado pelo tema “Escuta: voz da terra, voz dos povos”, convidou os participantes a ouvir, de forma profunda, as dores e esperanças da Amazônia, em sintonia com o espírito da COP30, que será realizada em Belém nos próximos dias. Leituras, cantos e orações coletivas trouxeram à tona a mensagem de que “a escuta é o primeiro passo da transformação”.

Ao final da celebração, Arlete Gomes, da equipe da REPAM-Brasil, destacou a importância desse espaço de diálogo e valorização das mulheres nos territórios. “Trazer essas mulheres para esse cenário de debate é fazer uma nova economia possível. Que essa feira seja uma troca de experiências e de grande conhecimento entre os biomas que convergem na nossa Amazônia brasileira. Temos aqui o Cerrado, o Pantanal e a Amazônia com suas cores diferenciadas. Aproveitem muito”, convidou.

Ainda durante a manhã, teve início a Feira do Bem-Viver, espaço de partilha de produtos da agricultura familiar, da economia solidária e de saberes tradicionais dos diversos biomas brasileiros, como o Cerrado, o Pantanal e a própria Amazônia. Biojoias, ervas medicinais, artesanatos, sementes e alimentos agroecológicos chamaram a atenção dos visitantes e simbolizaram a diversidade e a força das mulheres e comunidades produtoras.

À tarde, a programação seguiu com exibição de documentário sobre gestão comunitária da água, produzido por



pela REPAM-Colômbia. De acordo com Juan Felipe Martinez, secretário da Rede na Colômbia, neste ano, toda a REPAM adotou a água como um elemento central para a incidência e a comunicação. “No contexto da campanha pela água e pelos direitos das comunidades, lançamos um documentário, como REPAM Colômbia, para mostrar que a água não é apenas um bem comum ou um recurso, mas algo que está integrado à vida das comunidades, aos seus direitos, às suas formas de ser, de estar e de agir no território”, destacou Juan.

Segundo Martinez, o documentário mostra que o pul-

sar da água na Amazônia é uma luta pela própria vida no território. “Por isso, apresentamos aqui três experiências de trabalho e exibimos este importante documentário, que pode ser encontrado no YouTube da REPAM”, concluiu.

As atividades da REPAM-Brasil na COP30 seguem nesta segunda-feira (10/11), com escuta das lideranças dos territórios e movimentos sobre desafios e das boas práticas comunitárias na resposta à crise climática e com a contextualização sobre a importância, desafios e atuação da REPAM na COP30 e Cúpula dos Povos.





DOM ERWIN LANÇA LIVRO SOBRE PROFECIA E MISSÃO DA IGREJA NA AMAZÔNIA

A noite deste domingo (9), em Belém (PA), foi marcada por emoção, memória e compromisso com a vida na Amazônia. O lançamento do livro *A Igreja Profética e a Amazônia*, de Dom Erwin Kräutler, reuniu dezenas de pessoas na sede da CNBB Norte 2, em um sarau promovido pelo Regional e REPAM-Brasil. O evento integrou a programação das atividades da Rede que antecede a COP 30 e celebram a presença da Igreja junto aos povos e territórios amazônicos.

A celebração começou em clima de alegria e gratidão. O livro, que reúne reflexões e palestras do bispo emérito do Xingu, foi apresentado como “o retrato de uma caminhada feita de fé, coragem e compromisso”.

Durante as homenagens, a pesquisadora Ima Vieira destacou o reencontro com Dom Erwin na preparação e depois nas atividades do Sínodo Especial para a Amazônia. Para ela, o novo livro reafirma a força profética e o olhar atento do bispo às causas que unem fé, justiça e ecologia integral.

O procurador da República, Felício Pontes, fez memória das ações de Dom Erwin no estado do Pará e do enfrentamento missionário em tempos de ditadura militar. “Ele foi um dos faróis da resistência, uma voz firme em defesa dos direitos humanos e dos povos da floresta”, afirmou.

Já o bispo prelado do Marajó, Dom Ionilton Lisboa, destacou a presença profética e fraterna de Dom Erwin “na e para a Igreja da Amazônia”, recordando sua capacidade de unir espiritualidade e compromisso social em favor da vida.

Ao tomar a palavra, Dom Erwin Kräutler contou que o livro é fruto de muitos pedidos vindos do Regional Nor-

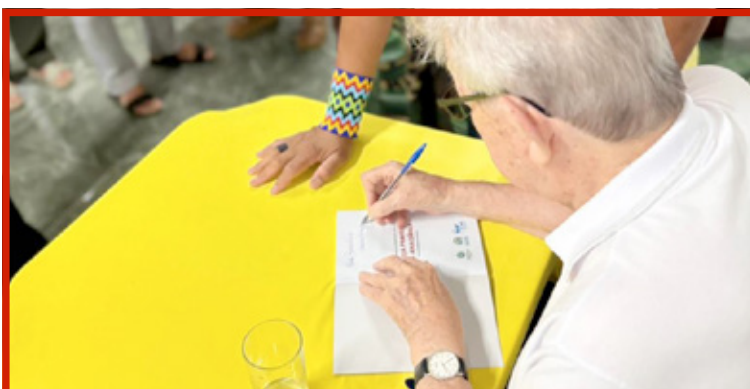
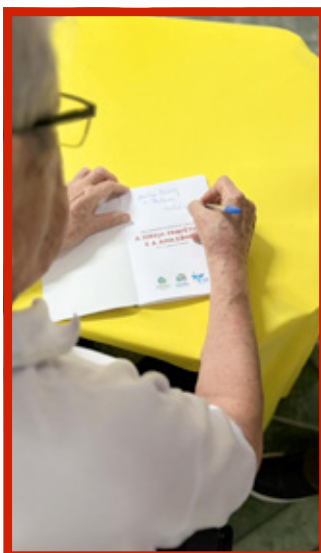


te 2, para que ele sistematizasse algumas das palestras e falas realizadas ao longo dos anos. Em tom sereno e afetuoso, compartilhou algumas histórias que inspiram o conteúdo da obra, entre elas, o relato de uma árvore cortada para abrir uma estrada, fato celebrado por autoridades como “o início do desenvolvimento”. “Aquilo me marcou profundamente, porque ali começava também a destruição de um modo de vida e de uma relação sagrada com a natureza”, lembrou.

O momento final foi de celebração e reconhecimento. A religiosa Irmã Ivoneide Viana de Queiroz apresentou o “Prêmio Dom Erwin Krautler”, recebido em Salzburg, na Áustria, por sua tese de doutorado sobre a presença da vida religiosa na Amazônia. O prêmio é concedido a pesquisas que dialogam com a trajetória e a missão do bispo.

Após as falas, Dom Erwin recebeu os convidados em uma sessão de autógrafos, acompanhada de uma apresentação cultural e de um coquetel. Entre abraços e partilhas, o sarau reafirmou a vitalidade de uma Igreja que segue acreditando na força da profecia e na esperança que brota da Amazônia. A convivência pacífica na Casa Comum. Em suas palavras, Dom Alveir refletiu sobre o protagonismo feminino na Prelazia: “Hoje, 90% das nossas comunidades são lideradas por mulheres, que têm na mão a Bíblia e, na outra, uma vela, plantando no coração das pessoas a semente da fé.”

Os participantes debateram e refletiram sobre a atuação da Igreja diante das questões sociais e ambientais da Amazônia, com destaque para a luta pela preservação do meio ambiente e a defesa dos direitos dos povos da região.





ECOS DA AMAZÔNIA: VERDADEIRAS SOLUÇÕES QUE NASCEM DOS POVOS DAS FLORESTAS E DAS ÁGUAS

Durante a COP30, em Belém (PA), a REPAM-Brasil promoveu a mesa “Ecos da Amazônia: Verdadeiras Soluções que Nascem dos Povos das Florestas e das Águas”, um espaço de escuta e partilha que reuniu representantes dos regionais da CNBB na Amazônia Legal, lideranças comunitárias e organizações sociais. A atividade foi coordenada por Arlete Gomes, coordenadora de projetos da REPAM-Brasil, e teve início com a lembrança da [carta dos povos da Amazônia](#), entregue a um dos enviados da Conferência, reafirmando o compromisso com a defesa da vida, da floresta e das águas.

O encontro foi conduzido como uma ressonância do chão amazônico, conectando os grandes desafios e sinais de resistência que emergem dos territórios. Participaram representantes de diversos regionais da Amazônia, expressando a diversidade geográfica, cultural e espiritual do bioma: Samuel Reis (Norte 3), Irmã Maria Augusta (Noroeste – Acre), Miguelina Martinha (Oeste 2), George Lucas (Centro de Referência de Direitos Humanos do Marajó), Adriano Karipuna (Noroeste – Rondônia) e Áurea Aguiar (Nordeste 5).

Entre os relatos marcantes, Irmã Augusta, de Rio Branco (AC), apresentou o trabalho desenvolvido junto às comunidades ribeirinhas, seringueiras e extrativistas do Acre — onde a proposta dos empates idealizada por Chico Mendes segue inspirando novas gerações na defesa das florestas em pé e na construção da ecologia integral. Ela destacou a formação de 22 jovens agentes ambientais, atuantes em escolas, movimentos e pastorais, promovendo práticas sustentáveis e mudanças de estilo de vida, como a eliminação do plástico e a compostagem, aliadas à participação nos



conselhos e políticas públicas locais.

Da mesma forma, Miguelina Martinha, liderança do Mato Grosso, emocionou o público ao relembrar sua trajetória de resistência como mulher indígena e negra, marcada pela luta por terra, moradia e dignidade. Em seu depoimento, ela reforçou a força feminina nas comunidades tradicionais — “a mulher que gera a vida, a criança que é sagrada, e o idoso que guarda a sabedoria” — e denunciou o avanço do agronegócio e da violência no campo, destacando o aumento dos conflitos e feminicídios no estado. Miguelina também apresentou as alternativas de economia solidária e agroecologia construídas em parceria com universidades e Cáritas,

que hoje garantem sustento e autonomia às comunidades rurais.

A plenária seguiu como um processo coletivo de escuta e mobilização, em que as lideranças compartilharam experiências de resistência e de construção do bem viver. As falas ecoaram a espiritualidade da Queri-da Amazônia e o chamado do Papa Francisco à conversão ecológica, reafirmando que as verdadeiras soluções para a crise climática nascem do cuidado, da presença e da escuta dos povos da floresta e das águas.

“Flui o trabalho quando acontece essa realidade: escuta e presença no território”, destacou Irmã Augusta, resumindo o espírito da mesa.



Rede reafirma protagonismo na mobilização dos povos e na incidência socioambiental em Belém

O PAPEL DA REPAM NA COP30

A segunda mesa da programação da REPAM-Brasil na COP30, intitulada “O papel da REPAM na COP30”, e coordenada pela professora Lady Anne, coordenadora da Pastoral da Educação, apresentou uma reflexão sobre o caminho histórico de mobilização, incidência e espiritualidade que a Rede Eclesial Pan-Amazônica vem trilhando em defesa dos povos e territórios da Amazônia.

O assessor jurídico e de incidência política da REPAM-Brasil, Melillo Dinis, destacou que a atuação da rede na construção de uma consciência climática e na defesa da ecologia integral antecede a própria conferência das Nações Unidas.

“Antes mesmo da COP30, a REPAM já mobilizava a Igreja e a sociedade civil pela justiça socioambiental. Esse processo começou muito antes, inspirado por figuras como Dom Erwin Kräutler, Irmã Dorothy Stang e tantos mártires que entregaram suas vidas pela Amazônia”, afirmou.

Melillo compartilhou bastidores da articulação política e pastoral da REPAM desde o anúncio de Belém como sede da conferência, citando o diálogo com o governo federal, a Santa Sé e diversas organizações da sociedade civil. A REPAM é uma das oito organizações católicas internacionais com credenciamento oficial na Zona Azul da ONU, o espaço de negociações diplomáticas da COP30.

A mobilizadora Joana Menezes, integrante da equipe da REPAM em Belém, apresentou o percurso de diálogo e escuta realizado junto a mais de 60 movimentos sociais, povos indígenas, comunidades quilombolas, ribeirinhas e universidades. Esse processo resultou na Carta de Demandas dos Povos da Amazônia, elaborada com a contribuição de cerca de mil pessoas e entregue a Joaquim Belo, representante das comunidades tradicionais na COP.



“Não há luta sem afeto. A REPAM caminhou com os povos, respeitando seus tempos, culturas e espiritualidades. É essa escuta que faz com que nossa presença na COP seja viável, coletiva e transformadora”, destacou.

Joana também ressaltou a participação da REPAM na Câmara de Participação Social sobre o Plano Clima, instância do governo federal para formulação de políticas públicas, e sua presença ativa na Cúpula dos Povos, que ocorre paralelamente à conferência. A programação inclui a Marcha Global pelo Clima, o funeral dos com-

bustíveis fósseis e a Feira do Bem-Viver — espaços de partilha e resistência dos povos amazônicos.

Encerrando a mesa, os participantes reafirmaram que a presença da REPAM na COP30 representa não apenas um marco, mas a continuidade de uma caminhada comprometida com o cuidado da Casa Comum.

“A COP é um momento importante, mas não é o fim. Depois dela, a luta continua — pela vida, pelos territórios e pela Amazônia que resiste”, concluiu Melillo.





TERRITÓRIO PRESENTE NA RODA DE DIÁLOGO SOBRE COOPERAÇÃO INTERNACIONAL NA COP30 NO TAPIRI ECUMÊNICO

Lideranças dos territórios amazônicos acompanharam hoje a roda de diálogo “Panorama Atual das Políticas de Cooperação Internacional: União Europeia, EUA, China e o papel das fundações privadas”, realizada no Tapiri Ecumênico e Inter-religioso, articulação que reforça a importância de integrar espiritualidade, território e ação na construção de respostas coletivas diante dos desafios globais. A atividade contou com a presença da REPAM, que integra essa articulação, e foi mediada por Soraya Tupinambá, reunindo pesquisadores, representantes da filantropia e redes da sociedade civil para debater o cenário atual da cooperação internacional.

Participaram da mesa Aurélio Viana, que abordou o papel dos Estados Unidos e o enfraquecimento do multilateralismo; professora Maria Elisa Pessina, que destacou as estratégias da União Europeia e da Alemanha, o programa Global Gateway e a política externa feminista alemã; professor Renan Holanda (UFPE), que apresentou a atuação da China e seus fóruns regionais de cooperação; e Jonathas Azevedo (Rede Comuá), que analisou o papel das fundações privadas e do ecossistema brasileiro de fundos territoriais e de justiça social.

Durante sua fala, Aurélio Viana ressaltou que o momento atual exige atenção redobrada aos rumos da cooperação global e à defesa dos espaços multilaterais. “Estamos vivendo uma geopolítica complexa, em que o multilate-



ralismo sofre ataques significativos. É justamente agora que precisamos reafirmar a importância da cooperação entre os povos e da solidariedade internacional. A ONU e as COPs permanecem como espaços essenciais de esperança e reconstrução coletiva”, afirmou. Ele também destacou o protagonismo dos povos e comunidades tradicionais: “A novidade dessa COP não está apenas nos acordos oficiais, mas na força dos movimentos e territórios que resistem, constroem e apontam novos caminhos de futuro.”

O debate ressaltou que, apesar dos desafios, é essencial defender e fortalecer os mecanismos de cooperação global, sobretudo no enfrentamento da crise climática. Também foi destacada a chamada “ambientalização do financiamento”, em que as agendas de clima, biodiversidade e transição energética se tornaram centrais, mas muitas vezes deixam de lado os direitos humanos e territoriais. As lideranças presentes enfatizaram que os recursos internacionais e privados precisam chegar efetivamente ao chão dos territórios, fortalecen-

do o protagonismo de povos indígenas e comunidades locais na construção de soluções socioambientais.

Foram discutidos ainda os riscos de alinhamento entre cooperação internacional e interesses econômicos, especialmente na União Europeia, e a necessidade de garantir maior transparência e monitoramento sobre os fluxos financeiros e impactos de empresas transnacionais. No campo da filantropia, os participantes destacaram a importância dos novos compromissos assumidos com povos e comunidades tradicionais e a necessidade de ampliar a participação de organizações da sociedade civil brasileira na governança dos projetos.

Ao final, a mediação reforçou que “competir e cooperar fazem parte de uma mesma ecologia da cooperação”, e que o propósito maior das alianças internacionais deve ser o de viabilizar a defesa dos direitos humanos, econômicos, sociais, culturais e ambientais dos territórios amazônicos — integrando fé, compromisso e ação concreta em favor da vida.





TAPIRI ECUMÊNICO E INTER-RELIGIOSO REÚNE LIDERANÇAS PARA DISCUTIR E ALINHAR ESTRATÉGIAS DE COOPERAÇÃO COM FOCO NOS TERRITÓRIOS

No período da tarde, o Tapiri ecumênico e inter-religioso — articulação que integra espiritualidade, território e ação, da qual a REPAM faz parte — promoveu uma roda de falas (sem mesa formal) para pactuar estratégias, mapear agendas em jogo, desenhar ações conjuntas e formular mensagens, dirigidas à Cúpula dos Povos e à COP30, em Belém (PA). A facilitação lembrou que o encontro dá continuidade aos debates da manhã sobre tendências da cooperação internacional (EUA, União Europeia, China, Alemanha e fundações privadas), deslocando agora o protagonismo para as organizações e redes da sociedade civil.

Entre as intervenções, ganhou destaque a participação de Eliane Gentil (REPAM-Brasil), que cobrou adequações concretas para que a cooperação de fato alcance quem cuida da floresta: “Muitos editais não dialogam com a nossa realidade e linguagem. Precisamos de formação e de acesso, mas também de soluções para entraves que desmobilizam nossas organizações — da fila de cartório à burocracia que faz projetos perderem o tempo do território.” Eliane também chamou atenção para os impactos de grandes empreendimentos energéticos (eólicos e solares) que avançam sem beneficiar comunidades locais: “Energia renovável, sim — mas com justiça territorial e participação das populações que já protegem esses biomas.”

Em uma fala contundente, Adriano Karipuna, liderança indígena de Rondônia, reforçou a necessidade de que os financiamentos internacionais cheguem diretamente às organizações de base:

“Quem sabe da nossa realidade somos nós que estamos no território. Queremos cooperação direta com nossas



associações — temos capacidade administrativa, técnica e jurídica para executar nossos próprios projetos.”

As falas reforçaram pontos convergentes: financiamento direto às associações e coletivos de base; simplificação de exigências e prazos compatíveis com a logística amazônica; reconhecimento da diversidade cultural e dos ciclos produtivos locais; e fortalecimento de redes ecumê-

nicas, feministas, indígenas, quilombolas e camponesas como sujeitos políticos da cooperação. Ao final, encaminhou-se a consolidação de contribuições para uma carta do Programa de Articulação e Diálogo sobre Cooperação (PAD) — responsável pela programação do dia — sintetizando as demandas e propostas emergentes da roda, com foco em acesso, justiça climática e soberania dos territórios.



JUSTIÇA CLIMÁTICA E FÉ: COMUNIDADES RELIGIOSAS DESTACAM SEU PAPEL NA IMPLEMENTAÇÃO DAS NDCS DURANTE A COP30

Na tarde desta terça-feira (11), o Pavilhão do Brasil na COP30 recebeu o painel “Justiça Climática, Implementação de NDCs e a Contribuição dos Grupos de Fé”, reunindo representantes religiosos, povos originários e autoridades governamentais em torno de um mesmo propósito: fortalecer a ação climática a partir da espiritualidade, do diálogo inter-religioso e do compromisso ético com a Casa Comum.

O encontro destacou que, na América Latina e em outras regiões, o campo religioso tem papel determinante na defesa dos direitos humanos e socioambientais. Todas as tradições de fé compartilham o chamado ao cuidado com a natureza e à promoção da justiça, enquanto as cosmovisões dos povos originários e comunidades tradicionais oferecem caminhos concretos para a proteção da biodiversidade e o enfrentamento da crise climática.

Entre os participantes estiveram Jocabed R. Solano Miselis (Memoria Indígena e Rede de Fé pela Justiça Climática), Sônia Mota (Tapiri Ecumênico e Inter-religioso da COP30 e CESE), Dom Nereudo Freire Henrique (REPAM-Brasil), Mametu Nangetu (Instituto Nangetu de Tradição Afro-religiosa), Clemir Fernandes (ISER) e a Ministra do Meio Ambiente e Mudanças Climáticas, Marina Silva.

Em sua fala, Dom Nereudo ressaltou que “a justiça climática tornou-se parte essencial da missão evangelizadora da Igreja, pois a crise socioambiental afeta diretamente a dignidade humana, os mais pobres e o equilíbrio da criação.” Ele destacou ainda que a implementação das NDCs, no âmbito do Acordo de Paris, “aproxima fé, responsabilidade pública e compromisso com o bem comum”, lembrando que a Campanha da Fraternidade 2025, ao tratar da ecologia integral, reforça a necessidade de atitudes concretas nas comunidades de fé.



Segundo Dom Nereudo, as paróquias e pastorais são espaços privilegiados para promover educação ecológica, consumo responsável e a proteção das nascentes, articulando-se com movimentos socioambientais. Ele concluiu afirmando que “a justiça climática

expressa hoje a caridade cristã, convidando a Igreja a testemunhar com ações concretas o cuidado com a Casa Comum e com as populações vulneráveis.”

O painel integrou a série de atividades da REPAM na COP30.





MARCHA GLOBAL PELA SAÚDE E PELO CLIMA MOBILIZA VOZES POR JUSTIÇA AMBIENTAL

Encerrando o dia, a REPAM participou da Marcha Global pela Saúde e pelo Clima, que reuniu organizações, movimentos sociais e representantes de diversos territórios em um forte chamado por justiça climática e ação concreta diante da crise ambiental.

A atividade, realizada nas ações paralelas à programação oficial da COP30, destacou a urgência de integrar saúde, meio ambiente e dignidade humana nas decisões políticas e nos compromissos internacionais.



REPAM PARTICIPA DA BARQUEATA DA CÚPULA DOS POVOS EM BELÉM

A REPAM-Brasil está presente na Barqueata da Cúpula dos Povos, que reúne mais de 200 embarcações na Baía do Guajará, em Belém (PA), em um ato histórico pela Amazônia e pela justiça climática. A mobilização integra os eventos da Cúpula dos Povos, espaço de articulação dos movimentos sociais e comunidades que resistem às falsas soluções climáticas e defendem a vida nos territórios.

Junto aos coletivos e às lideranças dos povos das águas, das florestas e das periferias, a REPAM reforça seu compromisso com o cuidado da Casa Comum e com a denúncia dos impactos que ameaçam a Amazônia e seus povos.

A Barqueata parte da Universidade Federal do Pará (UFPA) e segue em direção à Vila da Barca, levando mensagens de esperança, resistência e solidariedade entre os povos que enfrentam os efeitos das mudanças climáticas ambientais e sociais.

A celebração do Bicentenário está marcada para 23 de janeiro de 2026, em Roma, com missa solene na Basílica de Santa Maria Maggiore, reunindo representantes do governo brasileiro, da Santa Sé e da Igreja no Brasil.

Durante o encontro, os bispos manifestaram preocupação com o PL nº 2.159/2021, aprovado em julho, por considerarem que enfraquece a legislação ambiental e aumenta a vulnerabilidade de biomas como a Amazônia e o Cerrado. A Igreja reafirmou sua missão de cuidado com a criação e de promoção da justiça socioambiental, em sintonia com o chamado do Papa à conversão ecológica e à Ecologia Integral.





TAPIRI ABRE COM SURARAS DO TAPAJÓS E 1ª MESA SOBRE JUSTIÇA CLIMÁTICA, DEMOCRACIA E DIREITO À VIDA

A abertura do Tapiri Ecumênico e Inter-Religioso de hoje (12), foi marcada pela mística das Suraras do Tapajós e pela 1ª mesa do dia — coordenada pelo Pe. Dário — dedicada ao tema “Justiça climática, democracia e direito à vida: diálogos inter-religiosos por justiça socioambiental.” Durante a sessão, foram apresentados materiais de apoio pastoral para situações de conflito ligadas à mineração e a campanha de desinvestimento em empreendimentos de alto impacto, com convite a comunidades e instituições de fé para “desempoderar os bancos” e fortalecer os territórios.

A REPAM acompanhou a mesa com a presença de lideranças e articuladores dos territórios, reforçando o enraizamento local do Tapiri como espaço de convergência entre espiritualidade, território e ação. Essa participação territorial garantiu que as reflexões e encaminhamentos fossem iluminados pela escuta das realidades amazônicas e pela incidência concreta junto às comunidades.

Vozes e chaves de leitura

A bispa Marinez sublinhou a centralidade espiritual da criação e o sentido de pertença amazônico:

“Nós existimos com tudo o que existe. Se não nos dermos conta disso, não vamos existir.” “Deus não está fora da criação — Ele está na criação. É hora de revermos a imagem que fazemos do Criador.” “Nada fazemos sozinhos: nossas ações na Amazônia são sempre em parceria — com a REPAM, Cáritas, Ministério Público, Defensoria, movimentos e outras tradições religiosas.”

Luiz Felipe Lacerda (Observatório Nacional de Justiça Socioambiental) apontou a dimensão civilizatória da crise:



“Dessacralizamos a natureza e a transformamos em mercadoria. O diálogo inter-religioso é ferramenta potente para reconectar as pessoas ao sagrado da criação e reparar a democracia.” Ele também destacou quatro agendas convergentes das comunidades de fé: revisão da dívida externa do Sul Global; fortalecimento do Fundo de Perdas e Danos; transição energética justa; e sistemas alimentares baseados na agroecologia. Sobre o Acordo de Escazú, foi enfático: “É uma vergonha o Brasil ainda não ter ratificado o Escazú. Precisamos de um movimento forte para proteger defensores e garantir transparência.”

Já Dom Vicente Ferreira (Comissão para Ecologia Integral e Mineração, CNBB) chamou atenção para as “contradições sistêmicas” e para a disputa de narrativas:

“Agora tudo virou ‘verde’ — até a mineração. A economia que mata não pode apresentar-se como so-

lução.” “Se a ecologia integral não nos convencer a darmos as mãos no diálogo inter-religioso, nada mais vai nos convencer.” Ele lembrou a mobilização das igrejas antes e durante a COP e reforçou que a defesa da casa comum parte “desde baixo, desde o barro”, com os atingidos no centro.

O Pastor Josias Caeté trouxe a perspectiva indígena sobre ecoteologia e ancestralidade, lembrando que o rompimento com os saberes dos povos é parte da crise atual e que é preciso um “novo encontro com a criação” a partir do respeito às cosmologias e à teia da vida.

O Tapiri segue como espaço de convergência entre espiritualidade, território e ação, animando comunidades de fé, lideranças tradicionais e organizações a alinhar compromisso espiritual e incidência pública em defesa da vida na Amazônia e no planeta.



SIMPÓSIO DA IGREJA CATÓLICA NA COP30 REFORÇA COMPROMISSO COM A ECOLOGIA INTEGRAL E A DEFESA DA AMAZÔNIA

A coletiva de imprensa do Simpósio da Igreja Católica na COP30 reuniu, em Belém, importantes vozes da Igreja no Brasil e na América Latina em um chamado à conversão ecológica e à defesa da vida na Amazônia. O encontro contou com a presença dos cardeais arcebispo, Dom Jaime Spengler, arcebispo de Porto Alegre e presidente da CNBB e do CELAM, e de Dom Leonardo Steiner, arcebispo de Manaus.

Logo na abertura, um gesto simbólico emocionou os presentes: a água derretida de um bloco de gelo vindo da Groenlândia, abençoada pelo Papa Francisco durante conferência em Roma, percorreu um caminho espiritual — passando pelos santuários de Aparecida e do Cristo Redentor — até chegar a Belém. O símbolo, colocado junto à imagem do Papa, representou a esperança e a união entre povos, territórios e fé.

Dom Jaime destacou o papel da Igreja na promoção da consciência ecológica e na escuta dos povos da Amazônia. “A Terra está quase a sangrar até a morte. Ela pede socorro. A Igreja tem se empenhado em promover uma consciência comunitária diante dos desafios das mudanças climáticas, respondendo ao grito que nasce da Terra e dos povos ribeirinhos”, afirmou.

Já Dom Leonardo reforçou a caminhada histórica da Igreja na Amazônia desde o Documento de Santarém (1972) até hoje: “A Igreja que está na Amazônia tem sido muito ativa, ligando sempre a questão dos povos indígenas, dos po-



bres e do meio ambiente. Tudo tem a ver com a fé. A ecologia integral faz parte da vivência do Evangelho”, disse.

Ao serem questionados sobre o papel profético da Igreja frente aos governos e empresas, os cardeais reafirmaram a necessidade do diálogo sem perder a coerência com o Evangelho. “A Igreja não pode se calar. O cuidado e a promoção da vida em todas as suas formas são princípios de fé que dialogam com a ciência e com a sociedade”, destacou Dom Jaime.

Dom Leonardo também anunciou a criação de uma Comissão Pastoral de Ecologia Integral e Mineração, reforçando a missão de visibilizar práticas susten-

táveis e experiências comunitárias que semeiam cuidado em vez de lucro.

O encontro concluiu com uma mensagem de esperança e de compromisso: “A ecologia integral faz parte do caminho da fé. Se a casa comum estiver desarranjada, está desarranjado também o Reino de Deus. O caminho é de conversão e de fraternidade universal”, afirmou Dom Jaime.

A REPAM acompanhou a coletiva, reafirmando o chamado da Igreja para que a COP30 seja um tempo de compromisso efetivo com a vida, os territórios e a Amazônia viva.



NÚNCIO APOSTÓLICO DESTACA RESPONSABILIDADE MORAL E ESPIRITUAL NA CRISE CLIMÁTICA DURANTE ABERTURA DO SIMPÓSIO DA CNBB NA COP30

Na abertura do Simpósio da CNBB na COP30, o Núncio Apostólico reforçou o chamado da Igreja para uma resposta moral, espiritual e social diante da crise climática. Em sua fala, lembrou que, como ensinou o Papa Francisco, as mudanças climáticas não podem ser vistas apenas como um desafio técnico ou econômico, mas como “uma profunda ferida espiritual e moral que atravessa a consciência da humanidade”.

Retomando a *Laudato si'*, ele sublinhou que a ecologia integral exige justiça social, escutando simultaneamente “o clamor da terra e o clamor dos pobres”. A degradação ambiental e o sofrimento humano, afirmou, fazem parte de um mesmo drama: a perda do sentido de fraternidade universal.

O Núncio também trouxe à memória as advertências da Exortação *Laudate Deum*, lembrando que “o mundo em que vivemos está se desmoronando e talvez esteja se aproximando de um ponto de ruptura”. O objetivo, segundo ele, não é gerar medo, mas despertar responsabilidade e conversão ecológica — uma transformação que começa no olhar interior e na redescoberta do ser humano como guardião, e não dono, da criação.

Ao citar o Papa Leão XIV e sua *Dilexi Te*, o Núncio destacou o vínculo inseparável entre amor evangélico, justiça social e cuidado da casa comum: “Nos pobres Ele ainda tem algo a nos dizer”. Proteger a criação, afirmou, é também



proteger os mais vulneráveis, especialmente os povos indígenas, que sofrem os impactos mais graves da degradação ambiental.

No contexto da COP30, realizada na Amazônia, o discurso ganhou força simbólica. O Núncio recordou a Querida Amazônia, onde o Papa Francisco alerta que não se pode dissociar a proteção do bioma da proteção de seus povos: “Não serve um conservacionismo

que se preocupa com o bioma, porém ignora os povos amazônicos”.

Encerrando sua fala, o representante da Santa Sé afirmou que a missão da Igreja é testemunhar um caminho de cuidado, justiça e reconciliação com a criação. “Quando a fé se torna vida”, disse, “ela devolve ao ambiente seu valor sacramental e transforma a caridade em um novo modo de habitar a terra”.



SIMPÓSIO DA IGREJA NA COP30 REFORÇA ECOLOGIA INTEGRAL, JUSTIÇA CLIMÁTICA E CONVERSÃO ECOLÓGICA

A Igreja Católica apresentou hoje, no Colégio Santa Catarina de Sena, suas proposições para a COP30, em um simpósio dedicado ao tema “A Igreja Católica na COP30 nos caminhos da Ecologia Integral: refletindo sobre justiça climática e conversão ecológica”. A programação reuniu bispos, lideranças ecumênicas, cientistas, representantes indígenas e autoridades governamentais. Houve também coletiva de imprensa às 14h.

O encontro enfatizou que a crise climática é inseparável da crise social e espiritual, convocando comunidades de fé e sociedade a uma conversão ecológica que vá além de ajustes técnicos, colocando a dignidade humana, os direitos dos povos e o cuidado da Casa Comum no centro das decisões.

“O mundo em que vivemos está se desmoronando... não para incutir medo, mas para despertar responsabilidade pessoal e coletiva. A conversão ecológica não é só mudar comportamentos externos, é renovar o olhar interior”, destacou uma das falas de abertura, ecoando o magistério recente.

Dom Jaime Spengler sublinhou que paz e cuidado da criação caminham juntos:

“Se verdadeiramente desejamos uma paz autêntica, é preciso cuidar da terra e educar para isso. As soluções não podem se reduzir a ajustes técnicos e financeiros; exigem mudança de mentalidade e critérios éticos claros.”

As vozes do Sul Global marcaram a pauta. Representantes da Ásia denunciaram os impactos desproporcionais de eventos extremos, migrações forçadas e a insuficiência do financiamento climático, pedindo transição energética justa



que respeite comunidades locais, mulheres e povos tradicionais. Da África, houve forte apelo contra o extrativismo predatório e por um modelo econômico que parta da dignidade das pessoas e dos territórios. Do Pacífico, bispos alertaram para a ameaça existencial do aumento do nível do mar em países como Tuvalu, pedindo ações concretas, educação e apoio direto às comunidades.

“Não serve um conservacionismo que ignora os

povos amazônicos. Justiça para a terra e para o ser humano é uma única obra de amor”, lembrou outro trecho, alinhado à Querida Amazônia.

A REPAM acompanhou o simpósio com presença de sua equipe e de lideranças de territórios amazônicos, reforçando a articulação entre espiritualidade, território e ação e o compromisso com a justiça climática, a defesa dos direitos e a Ecologia Integral.



RELANÇAMENTO DA CAMPANHA AMAZONIZA-TE REÚNE GRANDE PÚBLICO EM BELÉM E REFORÇA COMPROMISSO COM A VIDA E OS TERRITÓRIOS AMAZÔNICOS

A sede da CNBB Norte 2 foi tomada nesta manhã por lideranças, parceiros e representantes dos territórios amazônicos para o lançamento oficial da campanha Amazoniza-te, uma iniciativa da REPAM-Brasil que convida à conversão ecológica, ao engajamento comunitário e à defesa da vida na Amazônia.

O evento, marcado por forte simbolismo e espiritualidade, contou com a presença de bispos, representantes de organizações sociais, religiosas e ambientais, além de figuras culturais e comunitárias da região. A mesa de abertura, intitulada “Amazoniza-te: conceito, convivência e engajamento”, reuniu Dom Raimundo Possidônio (Diocese de Bragança (PA), Pastor Antonio Victor (Rede Amazonizar), Karol Marques (WWF-Brasil) e Fafá de Belém, sob mediação de Paulo Martins, da comunicação da REPAM-Brasil.

“Amazonizar, para nós, significa animar o espírito missionário da Igreja, abrir as portas e sair para encontrar as pessoas onde elas estão”, destacou Dom Possidônio. “Amazonizar é transformar: transformar templos em tendas, para que sejamos uma Igreja itinerante, que supere os padrões estáticos e estéticos do anacronismo pastoral. Uma Igreja que vá ao encontro das pessoas com vida despedaçada por uma Amazônia desmatada, e que precisa hoje mais do que nunca reencontrar sentido e esperança. É nessa tenda que nasce uma Igreja mais humana e hospitaleira.”

Em uma fala repleta de emoção e pertencimento, Fafá de Belém trouxe o olhar sensível da cultura amazônica e



o valor da escuta às vozes do território:

“Eu sou uma filha comum da Amazônia. Não existe nada sem o cheiro, sem a sensibilidade que vem da vivência com a floresta. A gente aprendeu pela pele. Mas se não olharem para nós, se não nos escutarem, nada serão”, disse a artista, destacando a importância de reconhecer a sabedoria popular e os vínculos afetivos com a região.

O Rev. Antonio Victor, membro da Rede Inter-religiosa Amazonizar, trouxe uma fala firme sobre a importância da convivência, da diversidade e da superação de lógicas colonizantes:

“Nada sobre nós, sem nós! A Amazônia não é mero cenário. É território sagrado, herança de um Deus que deixou aqui uma carta de amor. A força da convivência nasce quando reconhecemos no outro uma parte de nós mesmos. O diálogo inter-religioso é caminho de paz, justiça e dignidade.”

Ele também destacou o papel das comunidades de fé diante dos desafios contemporâneos: “Não existe profecia sem engajamento social. Amazoniza-te é nosso chamado profético neste tempo de COP30. Juntos estamos construindo uma nova história religiosa e social na Amazônia, onde a diversidade é elemento constitutivo do Reino de Deus.”

Representando o WWF-Brasil, Karol Marques trouxe a perspectiva da conservação ambiental e do papel global da Amazônia neste momento histórico em que Belém recebe a maior conferência climática do planeta:

“Nesse momento em que Belém recebe a maior conferência do clima do mundo, nada faz mais sentido do que amazonizar nossas atitudes e atividades. Para que o mundo conheça, respeite e viva a Amazônia como nós vivemos. Que possamos mostrar, com muito orgulho, como

a Amazônia é rica, próspera e essencial para o planeta — e que sigamos juntos levando o nome da Amazônia aos lugares certos, mostrando a importância deste bioma.”

A mesa ressaltou que “amazonizar-se” é deixar-se tocar pelo espírito da Amazônia — sua diversidade, suas lutas e sua esperança, traduzindo o chamado à responsabilidade comum frente às crises socioambientais que ameaçam o bioma.

“A campanha Amazoniza-te nos chama a reconhecer a originalidade e a sabedoria dos povos que vivem nesta região — ribeirinhos, quilombolas, povos indígenas e tantas outras comunidades. Para amazonizar-se, é preciso deixar de lado nossos conceitos e preconceitos e mergulhar de verdade na Amazônia. Ao mesmo tempo, temos o compromisso de levar essa beleza, essa cultura e o cuidado com a Casa Comum para o Brasil e para o mundo”, destacou Dom Evaristo Spengler, presidente da REPAM-Brasil, reforçando o compromisso da REDE em manter viva a missão de cuidar da Casa Comum.





TAPIRI ECUMÊNICO INICIA O DIA COM A CASA DAS SABEDORIAS ANCESTRAIS E UM FORTE CHAMADO POR TERRA, ÁGUA E SOBERANIA

O Tapiri Ecumênico abriu sua programação desta quinta-feira com a Casa das Sabedorias Ancestrais, espaço de espiritualidade, memória e resistência, que iniciou o dia com a mesa “Água, Terra e Soberania: Como Grandes Projetos Ameaçam Povos Indígenas e Tradicionais – Resistência, Agroecologia e Reparação na Amazônia, América Latina e Oceania”. A atividade reuniu lideranças de diversos povos, inaugurando o dia com um profundo momento de escuta, partilha e denúncia sobre as ameaças que recaem sobre territórios indígenas e tradicionais no Brasil e no mundo.

As saudações iniciais, feitas pelos povos indígenas da terra que acolhe a COP30, marcaram a abertura com um chamado à unidade das vozes ancestrais. A sacerdotisa maori May, da Nova Zelândia/Polinésia, trouxe a perspectiva dos povos do Pacífico, ressaltando que a terra, os rios e as montanhas são entidades vivas com direitos e responsabilidades compartilhadas. “Se a terra está bem, o futuro está bem”, afirmou, lembrando que a proteção ambiental é também um compromisso espiritual e geracional.

Da Amazônia, uma pescadora artesanal descreveu os impactos devastadores da emergência climática e dos grandes projetos sobre os territórios amazônicos. A seca histórica, a morte de peixes, a falta de água potável e o isolamento de comunidades revelam uma realidade que ameaça modos de vida inteiros. “Nós não queremos progresso que destrói nossas vidas. Queremos permanecer nos nossos territórios com soberania e dignidade”, destacou.



A pesquisadora Soraia, que acompanha povos tradicionais, reforçou que o direito da natureza nasce da cosmovisão indígena e comunitária. Segundo ela, proteger os territórios é proteger a própria base de resistência climática. “Sem assegurar os direitos dos povos, não há futuro para o planeta”, sintetizou.

Representando o Ministério dos Povos Indígenas da Igreja Episcopal dos Estados Unidos, Shana lembrou que todas as criaturas — humanas e não humanas — são parentes e compartilham a missão de cuidado recíproco. Denunciou ainda os danos causados por petróleo, gás e mineração nos territórios indígenas dos EUA, e enfatizou a necessidade de alianças entre povos e igrejas: “Somos chamados a ser bons parentes, a colocar a mão na massa e a

arriscar nossos privilégios em defesa da vida.”

A mesa evidenciou que:

A crise climática já está em curso e exige medidas urgentes de adaptação;

Grandes projetos seguem ameaçando povos originários e tradicionais em diferentes continentes;

Os povos não são últimas, mas protagonistas de soluções ancestrais e agroecológicas;

Não existe futuro climático sem justiça territorial.

A REPAM acompanhou a atividade com presença territorial, reafirmando seu compromisso de fortalecer a defesa da vida, dos povos e da casa comum. O dia começou no Tapiri com espiritualidade, verdade e esperança — pilares que seguem guiando todas as ações durante a COP30..



PLENÁRIA DO EIXO 1 NA TENDA SOLIDARIEDADE FORTALECE DEFESA DOS TERRITÓRIOS NA CÚPULA DOS POVOS

A Cúpula dos Povos seguiu hoje com a discussão dos seus eixos estruturantes, reunindo organizações, movimentos e lideranças populares que constroem, de forma coletiva, caminhos de resistência e propostas para a justiça socioambiental na Amazônia.

A REPAM-Brasil acompanhou a Plenária do Eixo 1, realizada na Tenda Solidariedade, dedicada à defesa dos territórios e maritórios. O espaço esteve lotado pela manhã, em um debate marcado pela presença de diversos movimentos sociais, representações comunitárias, coletivos de mulheres, juventudes e defensoras e defensores de direitos humanos.

Segundo Jana Menezes, articuladora da REPAM no Movimento pela Terra e pelo Clima:

“Hoje discutimos o Eixo 1, que trata da defesa dos territórios e maritórios, em um debate muito potente com a presença de diversos movimentos sociais. À tarde, seguimos com as enlaçadas, onde fortalecemos especialmente a luta das mulheres e o feminismo popular nos territórios.

Todas essas contribuições vão compor a Declaração dos Povos, que será entregue no dia 16. Estamos construindo estratégias coletivas e desenhando juntas e juntos o caminho pós-COP.”

As contribuições reunidas ao longo do dia — desde análises de conjuntura até denúncias e propostas — compõem a Declaração dos Povos, documento político que sintetiza as pautas e exigências das organizações participantes. A entrega será realizada no dia 16 de novembro, reforçando a centralidade dos povos da Amazônia como protagonistas na luta por direitos, território e clima.

A REPAM segue presente na construção coletiva deste processo, fortalecendo articulações e ampliando a voz das comunidades amazônicas neste momento decisivo da COP30.



REPAM-BRASIL ACOMPANHA APRESENTAÇÃO DA CARTA DO SUL GLOBAL NA COP30: UM APELO URGENTE POR JUSTIÇA CLIMÁTICA

A REPAM-Brasil esteve representada ontem por Iuete Caixeira na sessão “Carta do Sul Global: Um Apelo para a Justiça Climática”, realizada na Zona Azul da COP30. O encontro marcou a apresentação conjunta de três cardeais da Igreja Católica provenientes de diferentes regiões do Sul Global — América Latina, África, Ásia e Oceania — que reafirmaram a urgência de colocar as vozes dos povos mais vulneráveis no centro das negociações climáticas.

O documento destaca que a crise ambiental e a crise social são inseparáveis, exigindo respostas baseadas em justiça, solidariedade e responsabilidade histórica. Os cardeais chamaram atenção para um cenário crescente de conflitos, pobreza, eventos climáticos extremos e novas formas de exploração econômica — realidades muitas vezes invisibilizadas pelo noticiário internacional.

Entre os exemplos citados estão as enchentes inéditas no Brasil, secas e inundações graves no Chade e no Quênia, e a degradação contínua de territórios em todo o mundo. No continente africano, o cardeal Fridolin Ambongo, da República Democrática do Congo, alertou para os impactos devastadores da exploração mineral controlada por grupos armados: se esse ciclo de violência e espoliação continuar, “o continente pode entrar em colapso — e a paz será a primeira a desaparecer”.

A Carta do Sul Global reforça que povos indígenas, ribeirinhos e comunidades tradicionais devem ocupar papel decisivo na formulação das soluções, recordando a visão da ecologia integral: tudo está conectado — biodiversidade, pobreza, migrações, conflitos e paz. Essa perspectiva amplia a compreensão de que respostas efetivas ao colapso



climático precisam nascer dos territórios e valorizar a sabedoria dos povos.

Apesar dos desafios, os cardeais também apresentaram sinais de esperança vindos da Ásia, onde comunidades têm impulsionado iniciativas de reflorestamento, recuperação de manguezais, educação ecológica e ações inter-religiosas. Para eles, a verdadeira transformação nasce das bases e é sustentada pela fraternidade humana.

Inspirada pela *Laudato Si'* e pela *Laudate Deum*, a Igreja reafirma seu papel profético e o chamado para

“cuidar e guardar” a criação como dom comum. A Carta sublinha que os pobres não são apenas últimas — são protagonistas da mudança, e que um multilateralismo realmente transformador só é possível quando há escuta das comunidades e construção de processos de baixo para cima.

A presença da Igreja na COP30 reafirma esse compromisso: garantir que a transição energética e as decisões globais sejam conduzidas com justiça, verdade e inclusão, para que as próximas gerações possam herdar um planeta habitável e em paz.



VIGÍLIA PELA TERRA DURANTE A COP30 EM BELÉM

A REPAM-Brasil, com toda sua comitua presente em Belém para a COP30, acompanhou na noite desta quinta-feira (13/11) a Vigília pela Terra, um ato inter-religioso que reuniu fé, espiritualidade e arte em defesa da Casa Comum. A atividade, realizada na Praça Batista Campos, integrou a programação do Tapiri Ecumênico e Inter-religioso da COP30, espaço de diálogo e presença dos povos e tradições espirituais.

A Vigília pela Terra reuniu representantes de mais de dez tradições religiosas, povos originários, coletivos, artistas, movimentos sociais e ambientalistas, em um gesto público de união pela justiça climática e pela proteção dos territórios amazônicos.

O encontro teve início às 17h30 com o rito simbólico de encontro das águas, gesto que expressa a integração entre os territórios por onde a vigília passou antes de chegar a Belém, conectando espiritualidades e histórias de luta.

Entre as expressões presentes, destacaram-se a apresentação do Grupo de Atividades Culturais Ayrakyrã, com Carimbó tradicional, e o bloco “Vozes pela Terra”, formado por lideranças religiosas que ofereceram reflexões, cantos e orações pela vida dos povos e pelo futuro comum.

A REPAM acompanhou a atividade com a presença de representantes vindos de diversos territórios da Pan-Amazônia, reafirmando o compromisso da Igreja com a ecologia integral, o cuidado com a Casa Comum e a defesa das comunidades mais vulneráveis.



Vozes da Vigília

Marcia Palhano, agente da Comissão Pastoral da Terra (CPT) Regional Maranhão, destacou a força das lutas territoriais:

“Estar aqui significa reafirmar o nosso compromisso com os povos que lutam e defendem a terra — sobretudo os povos originários, as comunidades tradicionais, o povo preto, o povo de terreiros, o povo das águas e das florestas. Eles defendem a terra com o próprio corpo. A Vigília é esse momento de conectar forças e energias, de renovar nosso compromisso com a defesa da vida — de todas as vidas — e, principalmente, da Mãe Terra.”

Da comitiva maranhense, Áurea Aguiar (Codó-MA) enfatizou o caráter coletivo e espiritual do encontro:

“Estamos aqui neste momento muito importante que é a Vigília pela Terra, um pedido coletivo pela preservação e pelo clima. É uma imersão espiritual que nos chama à responsabilidade. Aqui vemos várias gerações reunidas, muitas pessoas ancestrais também. O mundo está pedindo paz, preservação ambiental e uma vida boa para todos — e nós sentimos isso na pele.”

Pelo Regional Noroeste da REPAM, Irmã Maria Augusta de Oliveira, das Servas de Maria Reparadora, refletiu sobre o simbolismo da espiritualidade amazônica:

“É muito significativo estarmos aqui hoje, celebrando juntos esta Vigília de oração, reflexão e escuta das vozes das nossas populações nesta realidade amazônica, nesta terra sagrada. Iniciamos tirando as sandálias e pisando esse chão sagrado, porque é daqui que vem a vida. Estamos unidos em oração com diversas expressões religiosas, em um verdadeiro tapiri ecumênico, falando numa só voz: a criação continua gemendo

como em dores de parto. Somos chamados a nos comprometer com a vida do planeta, da Mãe Terra, da nossa casa comum.”

Dom Teodoro Tavares, de Ponta de Pedras (PA), também deixou sua mensagem de compromisso e esperança:

“Estamos aqui na Praça Batista Campos, em Belém do Pará, participando da Vigília pela Terra. Pessoas de todos os continentes e diferentes regiões se reúnem, irmanadas pela mesma causa. Queremos rezar, pedir a graça da conversão ecológica e a promoção socioambiental. Nós fazemos parte da criação — Deus nos criou e viu que tudo era muito bom. Infelizmente, hoje nem tudo está como Deus sonhou. Por isso, somos chamados a uma conversão ecológica, a abrir caminhos e a trabalhar pela casa comum, para que haja mais paz e mais vida para todas as pessoas. Convido você, sua família e sua comunidade a se unirem a nós nessa grande missão de construir um mundo melhor.” A Vigília percorre o país desde maio, promovida pelo Instituto de Estudos da Religião (ISER), passando por Brasília (durante o Acampamento Terra Livre), Porto Alegre, Rio de Janeiro, Manaus, Natal e Recife. A tradição remonta à ECO-92, quando o ISER realizou a primeira Vigília Inter-religiosa pela Terra, reunindo milhares de pessoas e diversas lideranças de fé.

Durante a COP30, a Vigília e o Tapiri Ecumênico fortalecem a articulação entre espiritualidade, justiça climática e mobilização popular, contribuindo para ampliar a participação e o engajamento das comunidades nos debates e decisões que impactam diretamente seus territórios.



REPAM-BRASIL E WWF REFORÇAM PARCERIA ESTRATÉGICA DURANTE REUNIÃO NA COP30

A REPAM-Brasil realizou, nesta sexta-feira, uma reunião estratégica com lideranças da WWF durante a COP30, em Belém, aprofundando um diálogo iniciado ainda em 2023, quando representantes da REPAM visitaram a sede da organização. Estiveram presentes Mauricio Voivodic, CEO do WWF-Brasil; Sandra Valenzuela, CEO do WWF Colômbia; Kurt Holle, CEO do WWF Peru; e Karoline Marques, facilitadora do Bioma Amazônia do WWF-Brasil. Pela REPAM-Brasil, participaram Dom Evaristo Pascoal Spengler, presidente; Dom Pedro Brito Guimarães, vice-presidente; Irmã Maria Irene Lopes dos Santos, secretária executiva; Dom Nereudo Freire Henrique, ecônomo; e o assessor jurídico Melillo Dinis.

A reunião foi aberta por Irmã Irene, que destacou que o momento representa “um espaço de partilha, de escuta e também de traçar metas, porque temos muitas pautas em comum e isso nos ajuda a dar continuidade ao nosso processo a partir do próximo ano”. Ela também resgatou o histórico de aproximação entre as instituições, reforçando a importância de consolidar agendas permanentes de cooperação.

Dom Pedro lembrou o papel da REPAM durante a COP30, afirmando que “nós somos uma rede pan-amazônica; temos reuniões quase todos os dias com várias instituições para criar empatia, pensar em parcerias e fortalecer a defesa dos territórios”. Para ele, a reunião com a WWF reforça a importância da articulação entre organizações que atuam pela vida dos povos da floresta.

Dom Nereudo ressaltou a convergência entre as missões das duas instituições. “Estamos juntos defendendo a vida, estamos juntos defendendo a natureza. Queremos que haja um mundo diferente — e aqui en-



contramos algo em comum”, afirmou. Ele destacou ainda que a COP exige não apenas visibilidade, mas planejamento: “Não basta acentuar o acontecimento; é necessário planejar ações concretas. Por isso, creio que esta reunião fortalece nossa caminhada”.

Representando a WWF-Brasil, Mauricio Voivodic afirmou que a organização reconhece e admira a caminhada da REPAM: “A WWF tem uma admiração e um respeito muito grande pelo trabalho da REPAM. Cada organização tem seu jeito de atuar, mas trabalhando juntas podemos somar esforços para uma Amazônia viva, evitar a degradação e defender os direitos dos povos indígenas e das comunidades locais”. Ele concluiu dizendo: “Saio daqui muito animado para intensificar nossas ações em conjunto”.

A WWF também destacou que coloca à disposição da parceria sua experiência em monitoramento de desmatamento, produção de dados e acompanhamento de políticas públicas — incluindo sua equipe que atua no Congresso Nacional monitorando pautas que ameaçam a vida. Para a REPAM, essas contribuições reforçam processos formativos junto às comunidades e ampliam a capacidade de incidência em defesa dos territórios amazônicos.

A reunião consolida os avanços iniciados em Brasília e abre caminho para um cronograma conjunto de ações, unindo forças para promover justiça socioambiental, proteger os povos da floresta e fortalecer a construção de soluções diante da crise climática que afeta toda a Pan-Amazônia.



ENCONTRO ARTICULA REDE DE REDES EM DEFESA DA AMAZÔNIA E DA JUSTIÇA CLIMÁTICA

Hoje, na sede da CNBB Regional Norte 2, a REPAM participa do encontro “Pacto Intercultural pelo Clima: Agenda Conjunta por uma Amazônia Viva”.

A atividade reúne lideranças de diversas instituições, povos e redes que dedicam suas vidas à defesa dos territórios e à proteção dos povos tradicionais diante da crise socioambiental que atravessa toda a Pan-Amazônia.

O propósito do encontro é fortalecer alianças, somar vozes e aprofundar os olhares que nos unem como uma grande rede de redes. A Amazônia é intercultural, diversa e pulsante — e somente por meio do diálogo, da articulação e da unidade será possível avançar na construção de caminhos reais de justiça climática.



REPAM NO TAPIRI ABRE O DIA COM MÍSTICA, FORÇA COLETIVA E COMPROMISSO SOCIOAMBIENTAL

Na manhã de hoje, a REPAM marcou presença na abertura das atividades do Tapiri, espaço dedicado ao diálogo intercultural e espiritualidade dentro da Cúpula dos Povos. Representada por Arlete Gomes e Joana Menezes, a Rede abriu a programação marcada por mística, articulação comunitária e reafirmação de compromisso com a justiça socioambiental.

A abertura foi conduzida por Arlete Gomes, que saudou participantes de diferentes territórios e tradições. Em seguida, o pastor Romeu conduziu a mística do dia, gesto que reafirmou o caráter plural, espiritual e profundamente comunitário que tem orientado o Tapiri desde o início da Cúpula.

O espaço esteve lotado desde cedo, reunindo lideranças, comunidades tradicionais, juventudes, movimentos de fé e defensoras e defensores da Amazônia. Segundo Joana Menezes, articuladora da Rede Eclesial Pan-Amazônica e mulher preta da Amazônia, o momento simboliza o resultado de uma caminhada construída com amor, esperança e resistência.

“O Tapiri tem sido um lugar onde a nossa espiritualidade se manifesta e se fortalece. É fruto de uma construção coletiva de fé, amor e esperança na busca pela justiça socioambiental. Estamos emocionadas com o quanto esse espaço cresce, agrega e nos impulsiona a seguir”, afirmou Joana.

Ela destacou que o trabalho da Rede dialoga diariamente com comunidades tradicionais, periferias urbanas e diversos territórios amazônicos — encontros que revelam tanto as potências quanto os desafios enfrentados pelos povos da região.



“Aqui estão aqueles que caminham conosco. Mas também sabemos que nossa luta exige enfrentar o racismo ambiental, o preconceito e o desconhecimento sobre o que fazemos. Esses espaços nos ajudam a construir estratégias de fortalecimento das nossas lutas”, completou.

Com forte presença feminina e marcado pela di-

versidade religiosa, o Tapiri segue como um dos espaços mais vibrantes da Cúpula dos Povos — um lugar onde espiritualidade, resistência e ação política se encontram para fortalecer a defesa da vida e dos territórios.

A REPAM segue presente e comprometida com essa caminhada coletiva.





REPAM INTEGRA ATIVIDADE COLETIVA SOBRE POVOS INDÍGENAS ISOLADOS NA CÚPULA DOS POVOS

Nesta quinta-feira, 14 de novembro, a REPAM participou da atividade “Povos Indígenas Isolados, território e mudanças climáticas”, realizada na UFPA – Mirante do Rio, durante a Cúpula dos Povos. A iniciativa foi construída de forma coletiva por organizações indígenas, instituições de defesa de direitos e redes atuantes na Pan-Amazônia, que se reuniram para dialogar sobre um tema comum e urgente: a proteção dos Povos Indígenas Isolados.

Esse enlace entre diferentes grupos — Cimi/Eapil, GTI Piaci, Coiab, Repam e parceiros — expressa o compromisso compartilhado de defender os povos em maior situação de vulnerabilidade e fortalecer a incidência política para garantir seus direitos.

Os Povos Indígenas Isolados enfrentam ameaças intensas à sua existência física, cultural e territorial. Invasões, destruição ambiental, pressões econômicas e a ausência de políticas efetivas colocam em risco modos de vida únicos, além de comprometer a preservação das florestas, essenciais para o equilíbrio climático global.

A mesa aprofundou as conexões entre isolamento voluntário, proteção territorial e crise climática, destacando que garantir a vida desses povos significa também proteger áreas estratégicas para enfrentar as mudanças climáticas.

Durante a atividade, o Procurador Regional da República e assessor da REPAM-Brasil, Dr. Felício Pontes, enfatizou a urgência de medidas concretas por parte do Estado brasileiro:

“Nós discutimos ali a questão dos povos isolados e quais medidas devem ser propostas ao governo federal para



garantir o isolamento dessas pessoas que não querem contato com a sociedade civil. Uma das medidas apresentadas foi a necessidade de intervenção efetiva e a obrigatoriedade, por parte do governo, de criar bases de proteção para que esse isolamento seja respeitado. Não basta apenas declarar a restrição de uma área no papel se não houver fiscalização.”

Participaram da atividade:

Gilderlan Rodrigues da Silva – Coordenador, Eapil/Cimi
Sergio Salomon – Organização Regional da Aidesep
Ucayali – ORAU (Peru)

Tagüide Picanerai – Organização Payipie Ichadie Toto-
biegosode – OPIT (Paraguai)

Dr. Felício Pontes – Procurador Regional da República, MPF
Lino João de Oliveira Neves – Assessor da Eapil/Cimi
Mitã Xipaya – Gerência de Povos Indígenas Isolados e
de Recente Contato, COLAB

A REPAM reafirma seu compromisso em fortalecer espaços de articulação conjunta e somar-se às organizações que lutam pela defesa dos territórios, da vida e dos direitos dos Povos Indígenas Isolados em toda a Amazônia.



REPAM PARTICIPA DA MARCHA DOS POVOS PELO CLIMA EM BELÉM

Neste sábado (15), a REPAM participou da Marcha dos Povos pelo Clima, um ato unificado que reuniu organizações, movimentos sociais, juventudes, povos indígenas e comunidades tradicionais em defesa da justiça climática e da proteção dos territórios amazônicos.

A caminhada saiu do Mercado de São Brás e seguiu pelas avenidas José Bonifácio, Duque de Caxias e Lomas Valentinas, até a chegada na Aldeia Amazônica, onde o ato foi concluído com falas públicas, apresentações culturais e momentos de espiritualidade coletiva.

A REPAM esteve presente se somando às diversas vozes que denunciaram as violações socioambientais na Amazônia, reuindicaram políticas urgentes de proteção aos povos da floresta e reforçaram o compromisso com a justiça climática.

Para Sara Juan, a marcha evidencia a força dos povos amazônicos: “O que vimos hoje foi a esperança caminhando junto com a resistência. Cada passo dessas comunidades reafirma que a luta por justiça climática nasce dos territórios e precisa ser ouvida pelo Brasil e pelo mundo.”

Irmã Irene destacou o sentido comunitário da caminhada: “Marchar ao lado dos povos da Amazônia é reafirmar nossa missão de cuidado e presença. A defesa da vida passa pela escuta, pelo compromisso e pela unidade. Hoje sentimos, mais uma vez, a força de quem protege a Casa Comum com coragem e fé.”

Já Juan Felipe, da REPAM Colômbia, celebrou a união internacional dos povos amazônicos: “Estamos muito contentes com esta marcha. Vimos para acompanhar a ação de todos os povos e comunidades, porque esta mobilização



expressa nossa consciência, nossa resistência e nossa força coletiva. Estar aqui é mostrar que, como Pan-Amazônia, temos uma postura clara: defender a Casa Comum e caminhar juntos por justiça climática.”

A mobilização integrou a programação da Cúpula dos Povos rumo à COP30, fortalecendo alianças e reafirmando que a defesa da vida e da Casa Comum passa pela unidade das redes amazônicas.





REPAM PARTICIPA DE DEBATE SOBRE DEFENSORAS E DEFENSORES DE DIREITOS HUMANOS NA AGENDA CLIMÁTICA GLOBAL

Na tarde deste sábado (15), a REPAM-Brasil participou da atividade “Defensoras e Defensores de Direitos Humanos em Ação: Desafios, Estratégias e Incidência Política na Agenda Climática Global”, realizada na tenda da plenária da UFPA, durante a Cúpula dos Povos.

O encontro reuniu organizações, movimentos e lideranças que atuam na defesa dos direitos humanos e na proteção dos territórios, especialmente em contextos agravados pela crise climática. Os debates ressaltaram os riscos cotidianos enfrentados por defensoras e defensores, a urgência de mecanismos efetivos de proteção e a importância de estratégias coletivas de incidência política em nível global.

A REPAM reforçou seu compromisso com a defesa da vida, dos povos tradicionais e da Amazônia, somando-se às vozes que denunciam violações e reivindicam políticas que garantam segurança e dignidade a quem protege os territórios.

Arlete Gomes e Joana Menezes levaram contribuições sobre os desafios vividos pelas comunidades acompanhadas pela Rede, compartilhando experiências de resistência, cuidado e incidência socioambiental em toda a Pan-Amazônia.

A presença da REPAM reafirma a centralidade das defensoras e defensores na construção de um caminho de justiça socioambiental e de enfrentamento à crise climática.

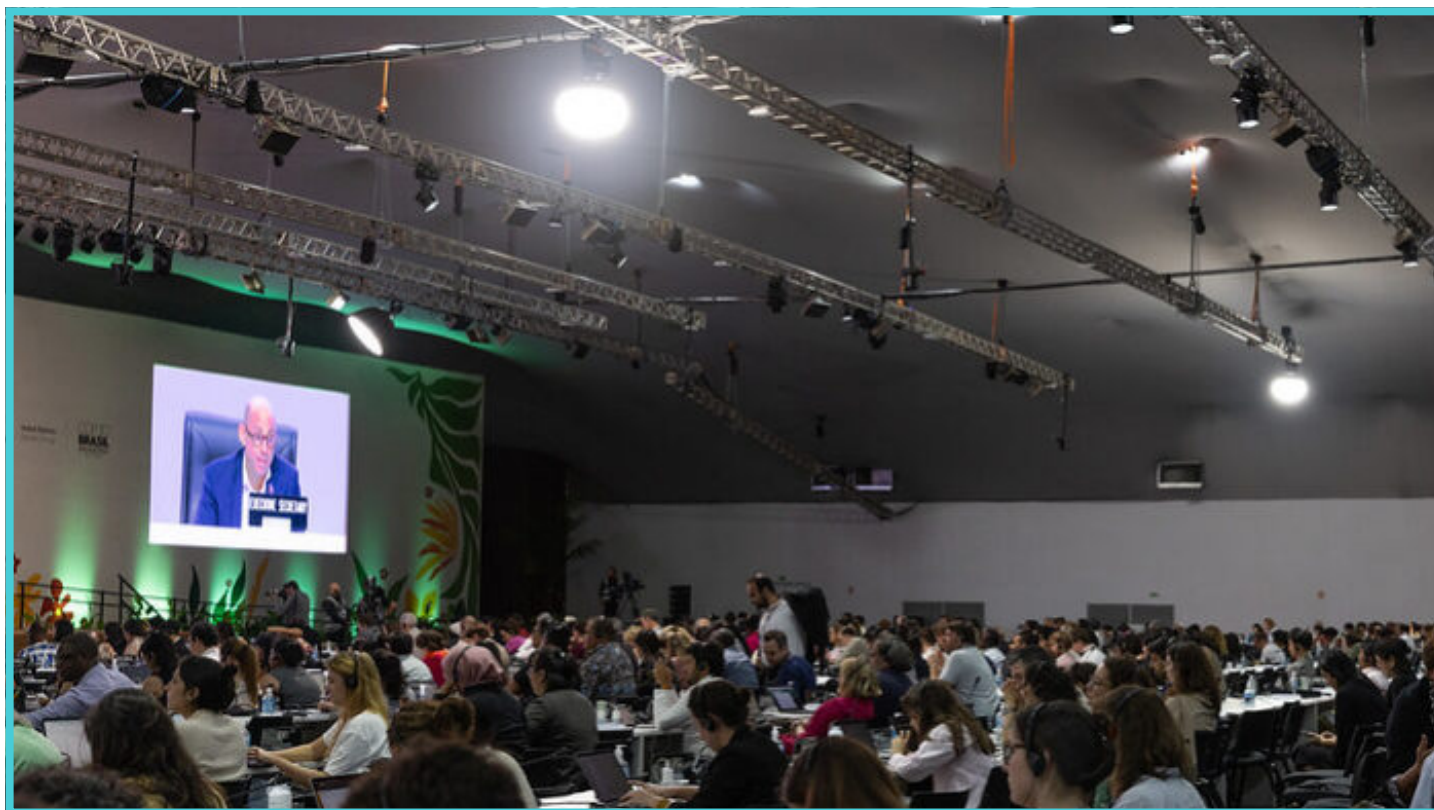


CÚPULA DOS POVOS ENCERRA ATIVIDADES EM BELÉM COM FORTE CHAMADO GLOBAL POR JUSTIÇA CLIMÁTICA

Neste domingo, a Cúpula dos Povos encerrou sua intensa programação na COP30 com mística, entrega de declarações e o anúncio de compromissos que reafirmam a centralidade dos povos da Amazônia e da sociedade civil na luta global pelo clima. Depois de dias de trocas, plenárias, marchas, articulações e poderosas experiências espirituais, as delegações se reuniram pela última vez para celebrar uma caminhada coletiva que marcou a história do processo rumo à COP30.

A manhã começou com uma animação mística conduzida por lideranças espirituais e comunitárias, abrindo os caminhos para a leitura das cartas construídas a partir da escuta de povos indígenas, comunidades tradicionais, juventudes, crianças e organizações de toda a Pan-Amazônia e do mundo.





PRESIDENTE DA COP30: “QUE ESTA SEJA LEMBRADA COMO A COP DA VIRADA”

Em tom emocionado, o presidente da COP30 destacou o papel determinante da sociedade civil na construção do evento:

“O Brasil está organizando uma COP única — e grande parte disso se deve à sociedade civil tão ativa nesta Cúpula. O presidente Lula queria uma COP especial, capaz de mostrar ao mundo que a sociedade civil tem influência. Saber que essa voz está viva em Belém é sensacional. Registrarei esse trabalho na reunião de alto nível e espero que a COP30 seja lembrada como a COP da virada.”

Ministra dos Povos Indígenas: “Democracia é participação — e nossa presença aqui transforma a COP”

A Ministra dos Povos Indígenas celebrou a maior presença indígena já registrada em uma COP, denunciou a assimetria histórica e reforçou o papel dos povos originários:

“Estamos vivendo a maior participação indígena da história das COPs. Em Dubai éramos 350, contra sete lobistas do petróleo e da mineração para cada indígena. Aqui, na Amazônia, já somos 900 — e ainda precisamos avançar mais. A COP não pode seguir excludente. A Amazônia tem gente, tem vida, tem guardiões que nos protegem. Viemos reafirmar que queremos uma COP inclusiva e democrática, construída com os povos para proteger o presente e o futuro que já está ameaçado.”



MENSAGEM DO PRESIDENTE LULA: “ESTA É A COP DA VERDADE”

A Ministra do Meio Ambiente leu a mensagem enviada pelo Presidente Lula ao encerramento da Cúpula dos Povos:

“A COP30 não seria viável sem vocês. Esta extraordinária concentração de pessoas que acreditam que um outro mundo é possível é o coração desta conferência. Esta é a COP da verdade — e a urgência expressa pela sociedade civil está alinhada com a ciência. Não podemos sair de Belém sem decisões sobre transição justa, florestas e financiamento climático. Cada árvore da Amazônia guarda uma vida: um homem, uma mulher, uma criança.”

Em sua fala pessoal, a ministra resgatou memórias de sua infância no Pará e reforçou que democracia, ciência e verdade são pilares inegociáveis:

“Só na democracia uma seringueira, um operário, uma indígena podem chegar onde chegamos. Não há como dizer não à ciência, à verdade. Estamos vivendo emergência climática. Precisamos zerar o desmatamento, zerar as emissões e abandonar os combustíveis fósseis.”

Guilherme Boulos: “A COP da verdade exige dizer quem destruiu o planeta”

O deputado federal Guilherme Boulos trouxe um recado direto às grandes corporações:

“Não basta derrotar o negacionismo climático. É preciso colocar os pingos nos is: quem encheu nossa atmosfera de carbono, poluiu rios e desmatou florestas foram grandes corporações e multinacionais. Agora é a vez deles fazerem sua parte. O Brasil já tem uma das matrizes energéticas mais limpas do mundo. O presidente Lula foi firme ao cobrar quem gasta trilhões com guerra, mas não investe metade disso na transição energética.”

Cartas entregues na plenária final fortalecem a voz dos territórios

O encerramento foi marcado pela entrega de importantes documentos construídos de forma participativa:



Carta dos Povos à Presidência da COP30

Construída ao longo de mais de dois anos de processo, a Declaração da Cúpula dos Povos reúne contribuições de 70 mil pessoas de diversos territórios e lutas. O documento denuncia: o papel central do capitalismo e das corporações na crise climática; o racismo ambiental e a violência contra povos e territórios; o fracasso do multilateralismo atual; a captura dos Estados por interesses privados; a necessidade urgente de dismantelar falsas soluções de mercado.

E apresenta propostas estruturantes, como: transição energética justa e popular; demarcação de terras indígenas; combate ao racismo ambiental; proteção de defensoras e defensores; reforma agrária popular e agroecologia; desmilitarização e fim das guerras; financiamento público e taxaço de super-ricos e corporações; mecanismos internacionais vinculantes para responsabilizar empresas transnacionais.

O documento afirma:

“Não há vida sem natureza. Não há vida sem cuidado. É tempo de unificar nossas forças e enfrentar o inimigo comum. Se a organização é forte, a luta é forte.”

Carta das Infâncias:

“Queremos viver num mundo bonito — agora!”

Em uma das mais emocionantes participações, crianças e adolescentes apresentaram a Carta das Infâncias, elaborada a partir de diá-

logos, oficinas, desenhos e escutas sensíveis. O texto denuncia o calor extremo, a falta de sombra nas escolas, queimadas, rios poluídos e adoecimento infantil.

As crianças afirmam:

“Não queremos crescer num mundo destruído. Queremos que o planeta seja cuidado como se fosse uma criança: vivo, precisando de atenção.”

Entre as propostas: plantar mais árvores em todos os lugares; parar o desmatamento e as queimadas; limpar rios e mares; fortalecer educação ambiental; garantir participação real de crianças e adolescentes nas decisões políticas.

E concluem:

“Não temos cargos nem dinheiro, mas temos o futuro — e o presente. Cuidem do nosso planeta agora. Queremos continuar vivos.”

A Cúpula dos Povos encerra suas atividades deixando um recado contundente à COP30: não há solução climática sem justiça, sem participação social e sem o protagonismo dos povos que há séculos cuidam da Amazônia e dos territórios da vida.

Os dias em Belém mostraram que espiritualidade, luta, ciência, memória e futuro caminham juntos quando os povos se encontram para defender a Casa Comum.

A REPAM segue comprometida em amplificar essas vozes e fortalecer os caminhos de justiça socioambiental que emergiram desta grande construção coletiva.



Escaneie o QR code
Carta dos Povos à Presidência da COP30



Escaneie o QR code
Carta das Infâncias



PAINEL SOBRE JUSTIÇA CLIMÁTICA REÚNE CARDEAIS E LIDERANÇAS DA PAN-AMAZÔNIA

DURANTE A COP30

A REPAM-Brasil acompanhou na manhã de hoje (17/11) o painel “Construir a justiça climática no Sul Global”, um espaço de reflexão profunda sobre os desafios ambientais e sociais enfrentados pelos povos amazônicos e pelas comunidades do Sul Global, realizado na 30ª Conferência das Partes das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas, realizada em Belém do Pará. O encontro reuniu cardeais, bispos, especialistas e representantes indígenas que, juntos, reforçaram o apelo por uma resposta urgente, solidária e integral à crise climática.

O painel contou com a presença de vozes significativas da Igreja, como o Cardeal Felipe Neri Ferrao (FABC), o Cardeal Leonardo Steiner (Arquidiocese de Manaus) e o Cardeal Pedro Barreto (CEAMA). O diálogo ressaltou a convergência entre fé, justiça socioambiental e compromisso comum com a Casa Comum.

O debate reforçou que a justiça climática não é apenas uma pauta ambiental, mas um compromisso ético que mobiliza Igreja, povos originários, organizações internacionais e toda a sociedade. A partir da Amazônia, lugar onde os impactos da crise climática são sentidos de forma mais intensa, o encontro reiterou que outro caminho é possível, desde que guiado pelo cuidado, pela solidariedade e pela escuta das populações tradicionais.



JUSTIÇA E DÍVIDAS ECOLÓGICAS: A URGÊNCIA DO SUL GLOBAL

Para o Cardeal Leonardo Steiner, discutir justiça climática implica enfrentar questões históricas e estruturais que atravessam o planeta, especialmente no Sul Global. Ele destacou a necessidade de abordar as desigualdades na relação entre países industrializados e regiões que, apesar de menos responsáveis pela crise climática, são as que mais sofrem seus impactos. “É preciso falar da justiça em relação aos povos originários, aos quilombolas e aos primeiros habitantes cujas terras são exploradas e cuja dignidade é ferida. Refletir sobre justiça climática é também reconhecer a dívida ecológica que existe entre o Norte e o Sul”, afirmou Steiner.

Ainda, segundo o cardeal, a presença dos povos da floresta e de comunidades tradicionais no debate ajuda a Igreja e os organismos internacionais a compreenderem novas formas de relação com a Casa Comum.



O SONHO AMAZÔNICO E O LEGADO PROFÉTICO

O Cardeal Pedro Barreto, presidente da CEAMA, destacou que a COP30 realizada na Amazônia dá ainda mais força ao chamado de Papa Francisco por uma “ecologia integral”, expressão que une o cuidado ambiental e a justiça social.

“Aqui em Belém falamos da urgência de lutar contra o aquecimento global. O grito da terra e o grito dos pobres ecoa fortemente na Amazônia. Lembro o Cardeal Claudio Hummes, que sonhou com este processo, e cujo legado continua inspirando caminhos de esperança”, destacou Barreto ao lembrar também que a Amazônia não é apenas um território ameaçado; é ainda um lugar de resistência, de espiritualidade e de esperança ativa.

Vozes indígenas e a centralidade dos territórios

Patrícia Gualinga, membro do Fórum Permanente da ONU para Questões Indígenas e vice-presidenta da CEAMA, reforçou que a justiça climática só é possível quando a sociedade reconhece e enfrenta as violações aos direitos dos povos indígenas e o avanço contínuo do desmatamento.

Para ela, “não há justiça climática sem justiça social. E não há justiça social quando não se reconhece a destruição da Amazônia e a violação dos direitos indígenas. A COP30 na Amazônia nos obriga a encarar essa realidade territorial, diversa e ameaçada.”

Ela lembrou ainda que as mudanças climáticas já afetam de maneira desigual os povos da região, evidenciando secas extremas, enchentes e instabilidades climáticas que colocam vidas em risco.



DEBATE | “A VIDA DEPENDE DE UM FIO: ADAPTAÇÃO, MITIGAÇÃO E TRANSIÇÃO ENERGÉTICA JUSTA, TRANSPARÊNCIA E RESPONSABILIDADE NO SUL GLOBAL”

No marco da COP30, em Belém do Pará, a REPAM participou do debate “A vida depende de um fio: Adaptação, Mitigação e Transição Energética Justa, Transparência e Responsabilidade no Sul Global”, um encontro que reuniu vozes de três continentes para denunciar a gravidade da crise climática e reafirmar o compromisso ético e profético da Igreja com a defesa da vida e dos territórios. O evento, realizado na Zona Verde, no Pavilhão da OEI, contou com a presença de Dom Jaime Spengler, presidente da CNBB; o Cardeal Fridolin Ambongo (SECAM); o Cardeal Felipe Neri Ferrao (FABC); o Cardeal Pedro Barreto (CEAMA); Valquíria Lima, de Cáritas ALC; e Óscar Elizalde, do CELAM. Juntos, ofereceram uma leitura profunda e realista sobre o momento histórico vivido pelos povos do Sul Global diante da emergência climática.

O debate destacou que a crise atual não é apenas ambiental, mas humana, espiritual e ética. Ao refletirem sobre adaptação, mitigação e a urgência de uma transição energética justa, os participantes reforçaram que milhões de vidas seguem ameaçadas pelo avanço da destruição ambiental, pelo retrocesso de direitos e pela violência contra aqueles que defendem seus territórios.

Em sua intervenção, Valquíria Lima enfatizou a centralidade da ação conjunta das igrejas neste momento decisivo e a urgência do compromisso com a vida:

“É pra isso que estamos aqui hoje durante a COP30. Todas as igrejas — a Igreja do Sul Global, a Igreja do Brasil — nos preparamos muito para este processo de chegarmos até aqui. Estamos aqui para defender a vida em todos os



sentidos. ‘A vida por um fio’ é um chamado, é o que nos convoca a nos comprometer cada vez mais, para afirmarmos concretamente que temos respostas à agenda climática e que vamos assumir essa agenda, assumindo a defesa da vida em todos os sentidos. Porque, sem colocar a agenda climática no centro da nossa vida, é muito difícil pensar um futuro. As COPs existem para isso: para estarmos aqui, apresentarmos nossas posições, nossas propostas e nossas experiências aos governos. Este é o nosso chamado para responder às mudanças climáticas.”

A fala de Valquíria reforçou que assumir a agenda climática é, antes de tudo, assumir o compromisso com a sobrevivência dos povos e da Casa Comum, reconhecendo que o tempo disponível para agir está se esgotando.

Na mesma direção, Dom Jaime Spengler recordou a gravidade do momento e a responsabilidade da Igreja diante da violência que recai sobre os defensores da vida nos territórios:

“Em dezembro de 2024, o CELAM lançou, junto à sala de imprensa do Vaticano, uma campanha denominada ‘Vida por um Fio’, e realmente a vida de tantas lideranças nossas, nos interiores da América Latina e do Caribe — mas não só; também em outros continentes — está por um fio. Aqueles homens e aquelas mulheres que, junto às suas comunidades, se empenham por

defender os direitos dos povos e dos contextos em que vivem, muitas vezes pagam com a própria vida. Derramam sangue pela causa da vida. Eu diria: são os nossos mártires modernos. E nós, como Igreja do Sul Global, alçamos as nossas vozes em defesa dessa gente. São nossos irmãos e irmãs de pé, que procuram lançar sementes do Reino lá onde se encontram.”

As falas dos participantes reforçaram que a crise climática atravessa diretamente a realidade das comunidades que há séculos protegem florestas, águas e territórios. A violência dirigida a lideranças e defensores ambientais evidencia que a discussão climática não pode ser separada da defesa dos direitos humanos, da democracia e da justiça socioambiental.

O encontro evidenciou, ainda, a força da articulação entre América Latina, África e Ásia, regiões que compartilham vulnerabilidades comuns, mas também uma profunda capacidade de esperança, resistência e construção de alternativas. Ao reunir essas vozes na COP30, o painel reafirmou que a resposta à crise climática só será legítima se nascer dos territórios, das comunidades que resistem e das alianças construídas no chão da realidade.

A REPAM, ao integrar este diálogo plural, reafirma seu compromisso permanente com a defesa da Amazônia e com a promoção da ecologia integral, lembrando que a vida — ameaçada, frágil e urgente — segue nos chamando a agir com coragem e responsabilidade.



DEBATE NA COP30 DISCUTE ABANDONO DOS COMBUSTÍVEIS FÓSSEIS, CONVERSÃO ECOLÓGICA E LIMITES PLANETÁRIOS: A GEOENGENHARIA É SOLUÇÃO?

Nesta segunda-feira, a REPAM participou do debate “Abandono dos combustíveis fósseis e novos estilos de vida, educação e formação para uma conversão ecológica estrutural: a geoengenharia climática é uma solução?”. O encontro reuniu lideranças indígenas, juventudes, especialistas, representantes de comunidades tradicionais e agentes pastorais para refletir sobre caminhos reais de enfrentamento da crise climática.

A atividade reforçou a necessidade urgente de repensar o modelo econômico baseado no consumo ilimitado e na dependência de combustíveis fósseis, articulando ciência, espiritualidade, justiça social e cuidado da Casa Comum — elementos centrais na *Laudato Si'* e na *Laudate Deum*.

Enfrentar a crise climática exige reconhecer limites

Os participantes destacaram que a crise ambiental é também social, pois afeta diretamente povos e territórios. O debate apontou que o atual sistema econômico opera na lógica da expansão infinita, ignorando os limites do planeta e acelerando desigualdades.

O presidente da Rede de Igrejas e Mineração e assessor da REPAM, Pe. Dário Bossi, chamou atenção para a urgência de uma mudança de consciência global:



“Vivemos numa sociedade que rejeita qualquer limite. Queremos sempre um pouco mais, sempre mais rápido — mas esse modo de viver está queimando recursos que levaram milhões de anos para existir. Quando queimamos petróleo, queimamos a história profunda da Terra. A conversão ecológica exige aceitar que não somos donos do planeta, mas parte dele.”

Para ele, reconhecer limites não é retroceder, mas garantir futuro:

“O mundo precisa abandonar a ilusão do crescimento ilimitado. Não existe vida digna com um sistema que devora pessoas, territórios e o próprio clima. A espiritualidade nos ensina que cuidar do que temos é também cuidar do que virá.”

Geoengenharia: solução aparente, riscos reais

O painel também avaliou criticamente as propostas de geoengenharia climática — tecnologias de manipulação

em larga escala do clima global — e seus riscos éticos, sociais e ambientais, especialmente para comunidades vulneráveis.

Segundo o debate, soluções tecnológicas não podem substituir a responsabilidade estrutural dos países e empresas que mais emitem gases de efeito estufa. Pelo contrário, podem desviar a atenção das ações realmente eficazes: abandonar combustíveis fósseis, reduzir emissões, regenerar ecossistemas e fortalecer povos e comunidades que protegem a floresta.

Pe. Dário alertou:

“Não podemos cair na tentação de substituir a conversão ecológica por atalhos tecnológicos. A geoengenharia não resolve o problema central: o vício global nos combustíveis fósseis. Sem justiça climática e sem mudar o estilo de vida, nenhuma tecnologia será suficiente.”



REDE SÍMBOLO DO SÍNODO DA AMAZÔNIA PASSA A INTEGRAR ACERVO DO MUSEU DAS AMAZÔNIAS

Durante a programação da COP30, cardeais do Sul Global presentearam o Museu das Amazôniaas com uma rede de profundo valor simbólico e histórico. A peça foi a mesma utilizada na abertura do Sínodo para a Amazônia, em outubro de 2019, quando o Papa Francisco caminhou da Basílica até o local dos trabalhos sinodais para encontrar os povos da floresta em um gesto marcante de escuta e proximidade.

A rede, que simboliza a conexão entre os povos, a reciprocidade amazônica e o compromisso da Igreja com a vida na Pan-Amazônia, foram entregues à Secretaria de Cultura do Estado do Pará durante a cerimônia.

Agora integrada ao acervo permanente do museu, a peça mantém viva a memória do Sínodo e reafirma o papel da Amazônia como espaço de espiritualidade, resistência e esperança para a Igreja e para o mundo.



BISPOS E CARDEAIS ENTREGAM CRUZ COM ÁGUA DO DEGELO DA GROENLÂNDIA NO MUSEU DAS AMAZÔNIAS

Na noite desta segunda-feira, bispos e cardeais de diferentes continentes se reuniram no Museu das Amazônia, em Belém, para um gesto simbólico e profundamente espiritual durante a COP30: a entrega da cruz que carrega em seu interior água proveniente do descongelamento da Groenlândia. A ação, marcada por forte sentido profético, reafirmou o chamado urgente das Igrejas do Sul Global para o cuidado da criação e a defesa dos povos e territórios amazônicos.

Além da cruz, cardeais do Sul Global entregaram ao Museu das Amazônia uma rede de grande significado, marcada pela memória viva do Sínodo para a Amazônia, realizado em outubro de 2019. Esta foi a mesma rede utilizada na abertura do Sínodo, quando o Papa Francisco caminhou da Basílica até o local dos trabalhos sinodais, encontrando-se com os povos da floresta em um gesto histórico de escuta, proximidade e compromisso com a Amazônia.

A rede, portanto, carrega não apenas um valor simbólico, mas espiritual e político: representa a conexão entre os povos, a reciprocidade amazônica e a opção da Igreja por caminhar ao lado das comunidades. Durante o evento, os cardeais presentearam a peça à Secretaria de Cultura do Estado do Pará — como registrado em foto — reforçando o reconhecimento da Amazônia como lugar de memória, resistência e profecia. Agora integrada ao acervo permanente do Museu das Amazônia, a rede mantém viva a presença do Sínodo e renova seu significado como símbolo de encontro, cuidado e compromisso com a vida na Pan-Amazônia.

O encontro ocorreu em clima de oração, partilha e compromisso, reunindo representantes da Igreja engajados na



construção de respostas éticas e concretas à crise climática. A presença conjunta de cardeais e bispos reforçou que a Amazônia permanece no centro das preocupações pastorais e socioambientais da Igreja, especialmente em um momento em que o mundo observa os impactos devastadores das mudanças climáticas sobre as populações mais vulneráveis.

Durante a cerimônia, foi exibido um vídeo enviado pelo Papa Francisco especialmente para a ocasião, no qual o Santo Padre dirigiu uma palavra de encorajamento às Igrejas reunidas no Museu Amazônico e aos participantes da COP30. No vídeo, o Papa destacou a importância da unidade global, da coragem pastoral e da urgência de ações que estejam à altura da gravidade da crise climática.





IGREJA CATÓLICA DESTACA GOVERNANÇA CLIMÁTICA E PARTICIPAÇÃO POPULAR EM PAINEL NA COP30

A Igreja Católica realizou na manhã desta terça-feira (18/11), na COP30 em Belém, o painel “Caminhos para a Governança Climática: a mobilização do processo Pré-COP”, no Auditório Uruçu (Zona Verde). A atividade reuniu lideranças e especialistas para discutir como fortalecer uma governança climática justa e participativa, com foco na inclusão dos povos mais vulneráveis.

Mediado por Rocheli Koralewski, o encontro fez parte do processo de articulação da Igreja Católica na COP30, iniciado meses antes da conferência, e que mobilizou comunidades, entidades pastorais e movimentos socioambientais em todo o Brasil.

Os painelistas destacaram que não há governança climática verdadeira sem participação popular, responsabilização e justiça socioambiental.

O Prof. Dr. Mário Tito Almeida ressaltou a importância de uma “governança global ampliada”, alinhada ao compromisso histórico da Igreja com os mais pobres:

“Falar de questão ambiental é falar de desigualdade social. Ao incluir a sociedade civil, incluímos os injustiçados. Não se pode falar em governança climática sem ver quem são os mais atingidos. Estar ao lado dos pobres é nossa principal mensagem como cristãos.”

O Bispo Auxiliar de Belém, Dom Paulo Andreoli, enfatizou que aqueles que sofrem os impactos das decisões climáticas devem participar diretamente delas:



“Quem é atingido precisa também decidir. Não podemos apenas pagar as consequências das escolhas dos outros. Queremos fazer parte de quem decide sobre a nossa própria vida.”

Já o Presidente da CNBB e do CELAM, Dom Jaime Spengler, destacou o caminho de mobilização percorrido pela Igreja latino-americana e brasileira:

“A preparação para a COP30 envolveu muitas comunidades e entidades, especialmente por meio da Campanha da Fraternidade 2025, dedicada à Ecologia Integral. No fundo, tudo se resume às relações — com o ambiente, entre nós e com Deus. Relações sadias permitem uma vivência integrada com a criação.”

O painel reforçou o compromisso da Igreja Católica em seguir contribuindo para uma governança climática global que reconheça os direitos dos povos, amplie a participação social e promova justiça, cuidado e proteção da Casa Comum.

O Papa lembrou que “a mudança climática não é algo distante”, citando os clamores da criação — “enchentes, secas, tormentas e um calor implacável” — que fazem com que “uma em cada três pessoas viva em grande vulnerabilidade”. E acrescentou: “ignorar essas pessoas é negar nossa humanidade compartilhada.”

O Santo Padre também reforçou que “ainda há tempo para manter o aumento da temperatura global abaixo de 1,5 °C, mas a janela está se fechando”, convocando as lideranças presentes a agir “com rapidez, fé e profecia, como custódios da criação de Deus.”

Ao falar do Acordo de Paris, o Papa foi direto:

“O Acordo de Paris tem impulsionado um progresso real e continua sendo nossa ferramenta mais poderosa para proteger as pessoas e o planeta. Mas não é o Acordo que está falhando, e sim nossa resposta.”

E concluiu com um apelo à união e à memória do encontro: “Somos guardiões da criação, não rivais por seus bens. Que este Museu Amazônico seja recordado como o espaço onde a humanidade escolheu a cooperação frente à divisão e à negação.”

A entrega da cruz com a água do degelo simboliza o alerta que a própria criação faz à humanidade — um chamado para que governos, instituições e sociedade civil assumam compromissos reais de mitigação e adaptação, reforçando a cooperação internacional prevista no Acordo de Paris.

Hoje, o Museu da Amazônia comemora 70 mil visitas em apenas 40 dias de funcionamento, um marco que revela o interesse crescente do público pela ciência, pela cultura e pela defesa da floresta. A partir deste gesto histórico realizado durante a COP30, a cruz com a água do degelo da Groenlândia passa a integrar o acervo permanente do museu, como símbolo duradouro do compromisso global com a vida e com a proteção da Amazônia.

A noite no Museu da Amazônia tornou-se, assim, um marco espiritual da COP30, lembrando ao mundo que a fé, quando aliada à responsabilidade ecológica, tem força para inspirar mudanças profundas. O gesto das Igrejas do Sul Global envia um recado claro: é tempo de esperança ativa, solidariedade e coragem política para proteger a casa comum.



REPAM PARTICIPA DE MESA SOBRE PARCERIAS DE FÉ NA IMPLEMENTAÇÃO DO ACORDO DE PARIS

A REPAM participou da atividade “Faith-based Partnerships: Advancing the Paris Agreement in the United States with Global Solidarity”, promovida pelo Maryknoll Fathers and Brothers (CFMSA), Evangelical Lutheran Church in America (ELCA) e Bread for the World Institute, durante a programação da COP30. O encontro reuniu organizações e lideranças religiosas comprometidas em fortalecer a ação climática a partir da fé e da cooperação internacional.

“Vamos, grupos baseados na fé e de diferentes religiões, sobretudo nos Estados Unidos, promovendo a aplicação dos Acordos de Paris e todo o cuidado climático e ambiental. Sabemos que o diálogo internacional — Sul-Sul e Norte-Sul — é um intercâmbio fundamental porque somos todos habitantes do mesmo planeta e precisamos pensar juntos e tomar atitudes corajosas no cuidado do clima e dos ecossistemas. A fé nos une: uma fé proativa, uma fé inter-religiosa no cuidado da criação de Deus e da nossa humanidade.”



REPAM-BRASIL PARTICIPA DE ENCONTRO COM AS MULHERES MĚBĚNGÔKRE-KAYAPÓ: RESISTÊNCIA, LUTA E ESPERANÇA PARA A FLORESTA

Na terça-feira (18/11), a REPAM-Brasil participou da Palestra “Menire – as mulheres do povo MĚbĚngôkre-Kayapó: Resistência, Luta e Esperança da Floresta”, realizada na sede da CNBB – Regional Norte II (Pará e Amapá), em Belém.

O encontro reuniu lideranças, anciãs e jovens dos povos MĚbĚngôkre-Kayapó, Yudjá e Trumai, em um espaço de escuta, afirmação de direitos e fortalecimento do protagonismo das mulheres indígenas na defesa dos territórios e na governança da floresta.

Ao longo da atividade, as mulheres compartilharam suas trajetórias de organização, incidência e resistência – desde a vida cotidiana na aldeia até a participação em decisões políticas. Seus relatos evidenciaram como o trabalho comunitário feminino é central para a proteção da biodiversidade, dos rios, das roças, para o manejo do fogo e para a manutenção da floresta em pé.

As falas também abordaram os impactos das mudanças climáticas nos corpos e nas vidas das mulheres e reafirmaram que os territórios que elas cuidam — mais de 12,9 milhões de hectares contínuos no bloco de Terras Indígenas MĚbĚngôkre, dentro do Corredor de Sociobiodiversidade do Xingu — representam uma parte essencial da cura da crise climática. São áreas que estocam carbono, preservam modos de vida e prestam serviços ambientais fundamentais para toda a humanidade.

A REPAM-Brasil esteve presente reforçando sua missão de articulação e compromisso com a defesa da vida, a



proteção da Casa Comum e o reconhecimento do papel estratégico das mulheres indígenas na construção de soluções para a crise climática.

O recado conjunto deixado ao final da atividade foi firme e direto: o financiamento climático precisa chegar na base, diretamente a quem cuida da floresta; e as

organizações representativas devem garantir presença efetiva das mulheres nos espaços de decisão.

A REPAM-Brasil segue ao lado dos povos indígenas, somando forças para que suas vozes, saberes e lutas continuem iluminando novos caminhos de justiça socioambiental na Amazônia.





REPAM-BRASIL PARTICIPA DE ENCONTRO NA UNAMA SOBRE REDES DE ECONOMIA SOLIDÁRIA E CUIDADO COM A CASA COMUM

A REPAM marcou presença em mais um encontro formativo na Universidade da Amazônia (UNAMA), em Belém. A atividade contou com a participação de Irmã Irene, secretária executiva da Rede e Diego Aguiar, Articulação REPAM, o encontro dialogou sobre a importância de fortalecer redes de economia solidária, fomentar práticas sustentáveis e apoiar as famílias agricultoras na região.

O momento reuniu um grupo profundamente engajado, e abriu espaço para reflexões sobre como ampliar articulações territoriais, favorecer a circulação justa da produção local e incentivar práticas que cuidem da Casa Comum.

“Foi uma conversa muito rica sobre como trabalhar em rede, apoiar quem cultiva, cuidar das pessoas e da floresta, e pensar caminhos para que esses produtos também cheguem ao mercado. Seguimos criando laços e fortalecendo essa caminhada conjunta”, destacou Irmã Irene durante a atividade.

O encontro reforça o compromisso contínuo da Rede com processos educativos, comunitários e territoriais que promovem justiça socioambiental e alternativas econômicas sustentáveis na Amazônia.



REPAM ACOMPANHA PLENÁRIA DO POVO NA ZONA AZUL DA COP30

O procurador da República Felício Pontes Jr., também assessor da REPAM-Brasil, está acompanhando a Plenária do Povo na Zona Azul da COP30 — espaço que reúne jovens de diversas organizações não governamentais para definir a Carta de Belém, documento estratégico que busca influenciar o texto final das negociações da conferência.

A sessão acontece na maior plenária da COP e deve aprovar ainda hoje a carta, que será divulgada publicamente assim que finalizada. A Cúpula dos Povos também solicitou acesso à Zona Azul para anunciar oficialmente o documento, em um movimento de pressão política antes da conclusão das decisões oficiais.

A REPAM segue observando e acompanhando de perto esse processo, reafirmando seu compromisso com a defesa dos territórios, da justiça socioambiental e com a participação ativa dos povos e organizações da sociedade civil na COP30.



COP30 REFORÇA SOLIDARIEDADE GLOBAL E IRREVERSIBILIDADE DA TRANSIÇÃO CLIMÁTICA, AFIRMA SIMON STIELL

Em declaração oficial divulgada nesta sexta-feira (22), em Belém, o Secretário Executivo da ONU para Mudanças Climáticas, Simon Stiell, destacou que a COP30 marcou um ponto decisivo na cooperação global pelo clima, apesar de um cenário geopolítico marcado por retrocessos e tensões.

Segundo Stiell, “a COP30 mostrou que a cooperação climática está viva e ativa, mantendo a humanidade na luta por um planeta habitável”. Mesmo com pressões políticas, 194 países reafirmaram compromisso com o Acordo de Paris, reconhecendo sua efetividade e assumindo o desafio de avançar “mais longe e mais rápido”.

Entre os marcos ressaltados pelo Secretário Executivo estão:

- A consolidação de um novo acordo para uma transição justa, garantindo que os benefícios da economia limpa sejam compartilhados por todas as nações e populações.
- O compromisso global de triplicar o financiamento para adaptação, assegurando apoio a países que enfrentam impactos climáticos cada vez mais severos.
- O reconhecimento histórico de que “a transição global para baixas emissões e resiliência climática é irreversível e a tendência do futuro”, respaldado pelo avanço dos investimentos em energias renováveis.

Stiell também alertou para o impacto da desinformação na disputa climática e defendeu que a COP30 foi um “COP da verdade”, capaz de responder às preocupações concretas das populações: acesso à alimentação, energia, ar limpo e segurança diante de enchentes, incêndios e tempestades.



A declaração reafirma o papel central da cooperação multilateral, da ciência e do esforço coletivo — simbolizado pela palavra *mutirão*, destacada por Stiell — como caminho para proteger vidas, territórios e o futuro comum.

Em coletiva de imprensa de encerramento da COP30, realizada na noite de 22 de novembro em Belém, o Secretário Executivo da ONU para Mudanças Climáticas, Simon Stiell, reforçou que o encontro global demonstrou, mais uma vez, que a cooperação internacional em torno do clima segue viva, firme e crescente, mesmo diante de pressões políticas e retrocessos de alguns governos.

Segundo Stiell, enquanto um país retrocedeu, “194 nações permaneceram solidárias, comprometidas e alinhadas com a cooperação climática”. Para ele, a mensagem central do *Mutirão* de Belém é inequívoca: a transição dos combustíveis fósseis para energias renováveis e para sociedades mais resilientes já está em curso — é irreversível e está ganhando velocidade.

Avanços da Agenda de Ação: impactos reais para populações vulneráveis

Stiell destacou que a Agenda de Ação, parte essencial do Acordo de Paris, mostrou resultados expressivos nesta COP:

- US\$ 1 trilhão direcionado para redes limpas, ampliando infraestrutura energética sustentável;
- Centenas de milhões de hectares de florestas, terras e oceanos protegidos ou restaurados;
- Mais de 400 milhões de pessoas fortalecidas em resiliência climática.

Esses números refletem iniciativas que têm impacto direto sobre povos e territórios vulneráveis — incluindo comunidades amazônicas — e apontam caminhos concretos para fortalecer justiça climática em escala global.

Pontos centrais do texto negociado

O Secretário Executivo destacou três pilares essenciais acordados pelos países:

1. Avanços unânimes em temas estruturantes

Os 194 países aprovaram consensos importantes sobre:

- transição justa;
- igualdade de gênero;
- triplicação do financiamento para adaptação.

Tais medidas, segundo Stiell, têm impacto direto sobre trabalhadores, mulheres, meninas e populações vulneráveis dos países em desenvolvimento — realidade profundamente vivida na Pan-Amazônia.

2. Sinais políticos inéditos

O *Mutirão* de Belém enviou um recado claro:

- O Acordo de Paris funciona e os países decidiram avançar mais rápido.
- A meta de 1,5°C permanece como norte inequívoco da ação climática global.
- A transição para economias de baixas emissões é a tendência definitiva do futuro.

Stiell reforçou que governos estão intensificando ações não por obrigação, mas porque isso representa interesse nacional, soberania, desenvolvimento e crescimento econômico.

3. A COP30 acelerou o passo

O texto final reafirma decisões históricas das COP anteriores e determina novos compromissos:



- Parágrafo 29: todos os atores — governos, empresas, sociedade civil — devem acelerar e ampliar a ação climática.
- Parágrafo 33: países deverão atualizar e implementar seus planos climáticos nacionais de forma mais rápida e cooperativa.
- Parágrafo 52: avança a operacionalização da nova meta global de financiamento climático — aspecto crucial para viabilizar adaptação e mitigação em países mais afetados pela crise.

Frustrações e desafios permanecem, mas a direção não muda

Stiell reconheceu a insatisfação de diversos países e grupos sociais que defendiam maior rapidez em temas como a eliminação dos combustíveis fósseis e o financiamento climático. Ainda assim, reafirmou que a rota global está estabilizada:

“Com ou sem auxílios à navegação, a direção é clara: a transição dos combustíveis fósseis para as renováveis é imparável.”

Para o chefe da ONU Clima, a COP30 deixa um legado de aceleração, clareza e compromisso crescente — um passo importante na construção de um mundo mais justo, resiliente e sustentável.



FIQUE POR DENTRO!

**Estamos nas redes sociais, nos siga e
acompanhe as notícias da REPAM-Brasil**



@repambrasil



Facebook.com/repambrasil



@RepamBrasil



EXPEDIENTE

Boletim da REPAM-Brasil

Ano 7 - Edição 11 – dezembro de 2025

Publicação Digital

Rede Eclesial Pan-Amazônica - REPAM-Brasil

Presidente: Dom Evaristo Pascoal Spengler

Vice-presidente: Dom Pedro Brito Guimarães

Secretário: Dom José Ionilton Lisboa de Oliveira

Secretária Executiva: Irmã Maria Irene Lopes dos Santos

Ecônomo: Dom Nereudo Freire Henrique

Coordenadora de Projetos: Arlete Gomes

Articuladora: Dorismeire Vasconcelos

Analista Financeira: Denyse Leite

Assistente Administrativo: Átila de Loiola

Assistente de Secretária: Lalyfhe Tavares

Assessor Jurídico e de Incidência Política: Melillo Dinis

Comunicação: Agência Amana e Paulo Martins

Elaboração e Redação: Camila Del Nero

Projeto Gráfico e Diagramação: Raul Benevides

Imagens: Arquivos da REPAM-Brasil

Contato

www.repam.org.br

comunicacao@repam.org.br

(61) 98595-5278

REALIZAÇÃO:



APOIO:



CAFOD
Catholic Agency for
Overseas Development